

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

THAISY GUARDA FINAMOR

**O MOVIMENTO SOCIOCOMUNICACIONAL DOS TRABALHADORES RURAIS
SEM TERRA NO FACEBOOK: UMA ANÁLISE DE PRÁTICAS DE CIDADANIA
COMUNICATIVA**

SÃO BORJA

2018

THAISY GUARDA FINAMOR

**O MOVIMENTO SOCIOCOMUNICACIONAL DOS TRABALHADORES RURAIS
SEM TERRA NO FACEBOOK: UMA ANÁLISE DE PRÁTICAS DE CIDADANIA
COMUNICATIVA**

Monografia apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, pela
Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA.

Orientadora: Profa. Dra. Eloisa Klein

Co-orientadora: Profa. Me. Livia FreoSaggin

SÃO BORJA

2018

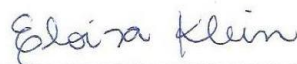
THAISY GUARDA FINAMOR

**O Movimento Sociocomunicacional dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Facebook:
uma análise de práticas de cidadania comunicativa**

Monografia apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, pela
Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 06/12/2018


Banca examinadora:



Profa. Dra. Eloisa Klein

Orientadora

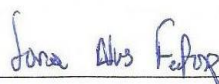
Unipampa



Profª. Me. Livia Freo Saggin

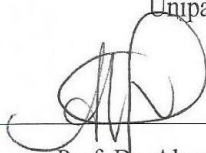
Co-Orientadora

Unipampa



Profª. Drª. Sara Alves Feitosa

Unipampa



Prof. Dr. Alexandre Augusti

Unipampa

São Borja

2018

Comunicar é um direito humano fundamental dentro de uma sociedade democrática, que vai para além do acesso à informação. É preciso que o povo tenha as condições concretas e objetivas de construir sua própria comunicação, baseada em valores como a coletividade, a solidariedade, a fraternidade, a valorização do humano, da igualdade e do internacionalismo (Manifesto das Comunicadoras Populares do MST).

AGRADECIMENTOS

Durante esses quatro anos de graduação, felizmente, algumas pessoas acompanharam minha trajetória e me incentivaram a percorre-la, aproveito a oportunidade de agradecer-los.

À minha orientadora e parceira, Livia Saggin, que me apoiou e me auxiliou durante esse processo, me mostrando o caminho, a importância e o gosto da nossa profissão. Obrigada por nunca desistir de mim, pelos conhecimentos compartilhados, incentivos e parceria durante este tempo.

À minha professora e amiga, Adriana Duval, por todas as ajudas e amparos durante o curso. Obrigada também por me ensinar a ser uma profissional mais sensível e humana com o mundo que nos rodeia.

A todos (as) professores (ras) que fizeram parte da minha trajetória acadêmica na Unipampa, obrigada por todos ensinamentos, conselhos e puxões de orelha, tenho certeza que todos foram essenciais para minha construção como jornalista.

À Universidade Federal do Pampa, Unipampa, universidade pública e de qualidade, por todo suporte necessário e aprendizado durante esses quatro anos de graduação. Espero que todos, assim como eu, tenham oportunidade de acessos à educação superior pública e gratuita.

À minha família, a base desse processo, em especial aos meus pais Liamara e Ruben, ao meu irmão João Genaro e minha cunhada Daniela, por sempre estarem presentes, me auxiliando, encorajando, incentivando meus sonhos e tornarem possível esse processo de graduação.

Agradeço e dedico este trabalho as minhas avós Amberi e Iracema (*in memoriam*), que sempre me incentivaram, me apoiaram nos estudos e nos meus sonhos. Carrego vocês no pensamento e as suas lembranças me inspiram a persistir.

Aos meus amigos da Máquina Mortífera, em especial as minhas melhores amigas, Luiza e Eduarda, que apesar da distância, foram meu apoio e estiveram sempre presentes, contribuindo e torcendo por esta caminhada.

As minhas amigas, parceiras e companheiras que encontrei nesse percurso, Maria Isabel e Danielly. Agradeço por todos os momentos e ajudas necessárias para encarar essa graduação, principalmente neste último ano. Obrigada por serem a minha segunda família e sempre estarem presentes nos piores e melhores momentos. Tenho certeza que esses quatro anos foram apenas o início dessa irmandade.

Ao restante do meu “bonde”, Lauren e Stephanie, obrigada por todos os apoios necessários nesse curso, risadas e jantas. Gratidão por tornarem esses anos mais felizes e fazerem parte das melhores lembranças que levarei de São Borja.

Por fim, agradeço a todos (as) que de alguma forma me auxiliaram durante a graduação e nesse processo de construção pessoal e profissional, todos (as) tem um papel fundamental nesse caminho e a minha gratidão.

RESUMO

Neste trabalho de conclusão de curso debatemos como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra utiliza das ferramentas alternativas de comunicação para sua visibilidade diante da sociedade, pela falta de acesso aos meios de comunicação hegemônicos. Nesta oportunidade, analisamos na página do Facebook do MST e como ele trabalha na plataforma digital para garantir sua voz e seu espaço enquanto movimento que assegura direitos essenciais aos sujeitos partícipes. A partir disso, investigamos como as produções jornalísticas do Facebook e interações do movimento com os sujeitos partícipes se aproximam do conceito de “cidadania comunicativa”, que é relacionada a conquista do espaço comunicacional aos sujeitos de maneira horizontal, onde possuem voz e espaço para reivindicar suas demandas. Além disso, passamos a reconhecer neste trabalho o MST como um movimento sociocomunicacional, sendo um movimento social que depende da utilização dos meios de comunicação para sua existência e concretização de suas lutas. Através disso, problematizamos de que forma as práticas de cidadania comunicativa podem estar presentes no Facebook do movimento sociocomunicacional, através das interações dos sujeitos participantes em suas produções. Para responder a problemática, utilizamos dos arranjos metodológicos de pesquisa da pesquisa, pesquisa exploratória e pesquisa sistemática, dividida em pesquisa sistemática das produções e pesquisa sistemática com os sujeitos. Como método de contextualização da monografia, refletimos sobre as mídias digitais e suas potencialidades, através de CASTELLS (2013), RECUERO (2009) e JENKINS (2014), posteriormente apresentamos os movimentos sociais e sua reinvenção para movimentos sociocomunicacionais, baseando-se em GOHN (2011), PERUZZO (2013) e CASTELLS (2013), contextualizamos e conceituamos o conceito de cidadania de acordo com FONSECA (2011), ALMEIDA, GUINDANI E MORIGI (2011) e REZENDE E NETO (2011), por último, partimos para a abordagem de cidadania comunicativa fundamentado em MATA (2006), WOTTRICH (2013) e GUINDANI E ENGELMANN (2012). Neste processo de pesquisa, interpretamos a plataforma do Facebook como um espaço democrático e sem hierarquias, porém, com suas potencialidades pouco aproveitadas pelo movimento social, o que nos faz sinalizar a prática não integral da cidadania comunicativa.

Palavras-chave: Cidadania comunicativa; Movimentos sociocomunicacionais; Movimentos sociais; MST; Facebook.

RESUMEN

En este trabajo de conclusión de curso, discutimos cómo el “Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra” utiliza de herramientas alternativas de comunicación para su visibilidad ante la sociedad, por la falta de acceso a los medios de comunicación hegemónicos. En esta oportunidad, analizamos en la página de *Facebook* del MST y cómo trabaja en la plataforma digital para garantizar su voz y su espacio en condición de movimiento que asegure derechos esenciales a los sujetos participantes. A partir de ello, investigamos cómo las producciones periodísticas de *Facebook* e interacciones del Movimiento con los sujetos participantes se aproximan al concepto de "ciudadanía comunicativa", que está relacionado a la conquista de espacio comunicacional a los sujetos de manera horizontal, donde poseen voz y espacio para reivindicar sus demandas. Además, pasamos a reconocer en este trabajo el MST como un movimiento sociocomunicacional, siendo un movimiento social que depende de la utilización de los medios de comunicación para su existencia y concreción de sus luchas, a través de las interacciones de los sujetos participantes en sus producciones. Para responder a la problemática, utilizamos los arreglos metodológicos de investigación, investigación exploratoria e investigación sistemática, dividida en investigación sistemática de las producciones e investigación sistemática con los sujetos. Como método de contextualización de la monografía, reflexionamos sobre los medios digitales y sus potencialidades, a través de CASTELLS (2013), RECUERO (2009) y JENKINS (2014), posteriormente, presentamos los movimientos sociales y su reinención para movimientos sociocomunicacionales, basándose en GOHN (2011), PERUZZO (2013) y CASTELLS (2013), contextualizamos y conceptualizamos el concepto de ciudadanía de acuerdo con FONSECA (2011), ALMEIDA, GUINDANI Y MORIGI (2011) y REZENDE Y NETO (2011), por último, partimos para el enfoque de ciudadanía comunicativa fundamentado en MATA (2006), WOTTRICH (2013) y GUINDANI Y ENGELMANN (2012). En este proceso de investigación, interpretamos la plataforma de *Facebook* como un espacio democrático y sin jerarquías, pero con sus potencialidades poco aprovechadas por el movimiento social, lo que nos hace señalar la práctica no integral de la ciudadanía comunicativa.

Palabras clave: Ciudadanía comunicativa; Movimientos sociocomunicacionales; Movimientos sociales; MST; Facebook.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO À PROBLEMÁTICA DE PESQUISA: PROBLEMATIZANDO OS MOVIMENTOS SOCIOCOMUNICACIONAIS E A CONQUISTA CIDADÃ	12
1.1 Objetivos	16
1.1.1 Objetivo geral	16
1.1.2 Objetivos específicos	16
1.2 Justificativa.....	17
1.3 Organização da monografia	18
2 REFLEXÕES TEÓRICAS: ABORDAGENS PARA COMPREENSÃO DA PROBLEMÁTICA INVESTIGADA.....	20
2.1 As mídias digitais e suas potencialidades	20
2.2 Dos movimentos sociais aos sociocomunicacionais e o MST.....	24
2.3 Perspectivas teóricas para refletir sobre o conceito de cidadania.....	27
2.4 Do conceito de cidadania à cidadania comunicativa	29
3 ABORDAGENS METODOLÓGICAS: CAMINHOS PARA A PRODUÇÃO DA PESQUISA	32
3.1 Pesquisa da pesquisa	32
3.2 Pesquisa Exploratória.....	34
3.3 Pesquisa Sistemática	35
3.3.1 Pesquisa sistemática das produções	36
3.3.2 Pesquisa sistemática com os sujeitos	43
4 MOVIMENTOS ANALÍTICOS: ENTRELACAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO	44
4.1 Página do Facebook do Movimento Sem Terra: aproximações às práticas de cidadania comunicativa	44
4.2 Sujeitos partícipes da página do Facebook do MST: análise descritiva da pesquisa sistemática.....	46

4.3 Mídias digitais e suas potencialidades no Facebook do Movimento Sem Terra....	51
4.4 Dos movimentos sociais aos sociocomunicacionais	54
4.5 Cidadania e cidadania comunicativa.....	57
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: PROPOSTAS PARA DEBATER O PROCESSO DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO	60
REFERÊNCIAS	65
APÊNDICE A – Análise do Site do MST	70
APÊNDICE B – Análise da Página do Facebook do MST	72
APÊNDICE C – Perguntas do questionário online	79

1 INTRODUÇÃO À PROBLEMÁTICA DE PESQUISA: PROBLEMATIZANDO OS MOVIMENTOS SOCIOCOMUNICACIONAIS E A CONQUISTA CIDADÃ

Este trabalho de conclusão de curso tem por finalidade analisar as estratégias comunicacionais da página do Facebook do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, buscando investigar a presença da cidadania comunicativa em suas produções e interações com o público.

O Brasil foi marcado pelo governo populista¹ pelos anos 1945 até 1964, período esse caracterizado pela forte participação social, pois o processo de redemocratização que havia sido instaurado no país após 1945 trouxe disputas políticos-partidárias. Nesse período se teve o desenvolvimento de quase 50 associações partidárias no país, os sindicatos se multiplicaram, os movimentos sociais revelaram-se pelo Brasil, reivindicando múltiplas questões, como reformas de base, políticas nacionalistas e equipamentos urbanos básicos para a sobrevivência dos grandes contingentes humanos que se deslocavam do campo para a cidade, em busca de melhores condições de vida (GOHN, 2011). Nesse contexto, os movimentos sociais no campo pela reforma agrária foram um dos movimentos básicos de lutas no período populista. Ela era clamada como uma das principais reformas de base que exigiam o país a adotar (GOHN, 2011).

O Movimento Sem Terra (MST), surgiu no Brasil no ano de 1979, em Santa Catarina. Segundo Gohn (2003), foi nos anos 1990 que se popularizou e ganhou destaque ainda mais expressivo em nível nacional. Em 1985, o movimento teve seu primeiro congresso nacional, como o lema “terra não se ganha, se conquista”, oficializando o MST para o país. Gohn (2011), conta que os sem-terra reivindicavam que todas as propriedades com área acima de 500 hectares deveriam ser desapropriadas, as terras em mãos dos estados e da união deveriam ser distribuídas e as das multinacionais expropriadas, também exigiam que o estatuto da terra deveria ser abolido e precisavam ser criadas novas leis com a participação dos trabalhadores.

A pauta principal do movimento sempre foi a reforma agrária, porém com o passar do tempo, as demandas foram se expandindo às questões relacionadas à cultura, democratização

¹No Brasil, denominam-se populistas os governos de Getúlio Vargas (1930-1945/1951-1954) e o de João Goulart (1961-1964). “O populismo é um movimento político que conta com o apoio das massas populares urbanas e rurais e de outros grupos sociais — camadas médias e setores da burguesia — que se apoiavam numa ideologia “anti-status quo”, motivados por uma insatisfação com a reversão de suas expectativas com relação ao papel que deveriam desempenhar na sociedade”. Dicionário histórico-biográfico Brasileiro – CPDOC – FGV.

da comunicação, saúde pública, desenvolvimento, sistema político, soberania nacional e popular e combate à violência². Atualmente, o movimento está organizado em 24 estados nas cinco regiões do país, segundo dados mais recentes do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA/2017)³, o número de famílias assentadas no Brasil é de 972.289, com o total de 9.374 assentamentos, caracterizando o movimento sociocomunicacional como o maior e mais estruturado da América Latina.

O movimento sociocomunicacional é destacado pelo uso dos seus próprios meios de comunicação. Além dos tradicionais, como o jornal e o rádio, o movimento utiliza das redes digitais, como o site, página no Facebook, Twitter, Soundcloud e Telegram. As pautas além de serem próprias do movimento, são também ligadas às bandeiras citadas anteriormente que o movimento segue, caracterizando-se por um jornalismo contra-hegemônico e ligado às classes minoritárias.

A partir dos diversos meios de comunicação que o movimento utiliza, surge a nossa pesquisa. Pode-se destacar que o MST utiliza técnicas multiplataformas e multimídias. Salaverría e Negredo (2008, p. 53), defendem que as produções multiplataformas são aquelas que “es elaborada por um único produtor pero puede ser consumida através de distintos soportes”⁴, já as multimídias, o autor compreende que se destacam por utilizar conjunta e simultaneamente diversos meios, como imagens, sons e texto, na transmissão de uma informação. Essas características apresentadas podem ser encontradas nas plataformas do movimento. Analisamos através da pesquisa, que o site se encontra como mídia matriz, porém a página do Facebook é a que abriga as demais plataformas, pela facilidade do compartilhamento das outras redes sociais, podendo assim usufruir das técnicas de produção multimídia e multiplataforma, sendo essa uma das justificativas para a delimitação do objeto que será estudado.

Como apresentamos, a pauta principal do MST é a luta pela reforma agrária, que é baseada na distribuição de terras a camponeses, democratizando a propriedade da terra na sociedade garantindo o seu acesso, distribuindo-a a todos que a quiserem fazer produzir ou dela usufruir⁵. Porém, o movimento possui outras bandeiras de luta, uma delas é a democratização da comunicação, onde é defendido que o povo tem o direito de organizar seus próprios meios de comunicação social, de forma associativa, acabando com o monopólio

² Disponível em: <<http://www.mst.org.br/quem-somos/>>; Acesso em 27 de maio de 2018.

³ Dados disponíveis em: <<http://painel.incra.gov.br/sistemas/index.php>>; Acesso em 27 de maio de 2018.

⁴ Tradução livre: é elaborada por um único produtor, porém pode ser consumida através de diversos suportes.

⁵ Disponível em: <<http://www.mst.org.br/quem-somos/>>; Acesso em 28 de maio de 2018.

privado existente dos meios de comunicação. Acreditam a partir desse contexto, que o Estado deve estimular, com políticas e recursos para que se amplie os meios de comunicação, sob controle social, nas mais distintas formas de organização popular.

Conforme o contexto apresentado e através de pesquisas, notamos que o conceito de cidadania comunicativa, que será investigado no referente trabalho, poderia estar presente nas produções do Movimento Sem Terra. Conceito recentemente desenvolvido na área da comunicação, é baseado principalmente na participação efetiva dos sujeitos nas decisões do campo da comunicação, na garantia da voz e visibilidade desses cidadãos na mídia, porém para essa participação, os sujeitos primeiramente devem ter acesso a esses meios de comunicação. Através de nossas análises, notamos diversos estudos em relação ao MST abordado na mídia convencional, tal movimento que é visto geralmente com aspectos negativos. Para mudar esse contexto, o MST precisa utilizar seus próprios meios de comunicação para garantir sua perceptibilidade, acesso e garantia de sua cidadania.

Para delineamento da pesquisa, utilizamos primeiramente das técnicas de pesquisa da pesquisa, pesquisa exploratória e pesquisa sistemática. A primeira, tem por finalidade pesquisar e analisar os conceitos que serão abordados no trabalho, investigando o que já está sendo pesquisado no campo, para executar uma pesquisa inédita e relevante. A pesquisa exploratória nos permitiu a aproximação do objeto, e a delimitação do objeto de estudo. Já, na fase sistemática, apuramos detalhadamente os dados elencados nas pesquisas anteriores.

Através dos arranjos metodológicos aplicados na pesquisa, delimitamos nossa investigação apenas para a página do Facebook do MST, acreditamos que através dela, os sujeitos conseguem concretizar interações entre si, propor ideias, se expressar, e acima de tudo, exercer os seus direitos de cidadãos. Características presentes no conceito de cidadania comunicativa, o que nos leva a investigação proposta. Portanto, o objeto de estudo passa a ser as interações dos cidadãos na página do Facebook do Movimento Sem Terra.

No contexto que o Facebook se apresenta, o ciberespaço, entendemos que é de relevância para estudo, pois é um local que facilita a publicação, a discussão, e o compartilhamento de conteúdo em um modelo de comunicação cada vez mais configurado pela participação (SOUSA, 2014). Moraes (2000) complementa que este é um espaço de conhecimentos múltiplos, que congrega forças, ímpetos, e interesses contraditórios. Não possui hierarquias aparentes, sem pontos fixos para a veiculação de informações e saberes. Espaço esse, importante e relevante para as lutas sociais, já que na mídia hegemônica possuem um espaço restrito e pouco explorado nas pautas reivindicadas dos movimentos sociais.

As peculiaridades do ciberespaço são distintas, e os movimentos sociais que dependem desses meios para sua divulgação, devem aproveitar ao máximo as potencialidades dessas ferramentas, garantindo um vasto canal de comunicação com o restante da sociedade. Através da sua página, o MST consegue se organizar enquanto movimento, divulgar seus objetivos, comunicados, posicionamentos, com todas as vantagens da plataforma, sendo as principais, rapidez e economia. Moraes (2000) acredita que outro fator positivo é a constituição de comunidades virtuais por afinidades eletivas e coletivas, pois através disso, constroem-se coletivos em redes, com aproximações temáticas, e práticas comuns de cidadania. Através disso, essas comunidades compartilham ações sociopolíticas, fortalecendo laços comunitários, pelos princípios de diálogo, cooperação e participação.

Na pesquisa, elencamos alguns conceitos para nortearmos o leitor para compreensão da temática que está sendo apresentada. Nos eixos teóricos, tratamos de conceitos como, as mídias digitais e suas potencialidades, dos movimentos sociais aos sociocomunicacionais e o MST, cidadania e cidadania comunicativa.

Acreditamos que devido as diversas características das mídias digitais, devemos explicar conceitos de diversos autores para compreendermos a dinâmica desse espaço. Autores como Manuel Castells (2003); (2013), Denis de Moraes (2000); Raquel Recuero (2009); Henry Jenkins (2013), (2014); Livia Saggin e Jiani Bonin (2017); Andre Azevedo da Fonseca (2011) e Eduardo Vizer (2007) conceituam o capítulo. Cada autor apresenta uma peculiaridade da ferramenta, todas elas podem ser encontradas e exemplificadas na página do Facebook do MST.

A próxima abordagem teórica explanada é os movimentos sociais e sociocomunicacionais, baseada em reflexões de Maria Glória Gohn (2011); Immanuel Wallerstein (2005); Cicília Peruzzo (2013); Miguel Carter (2008); Andre Azevedo da Fonseca (2011); Denis de Moraes (2000); Eric Sabourin (2008); Solange Engelman, Ketlen Stueber; Valdir Morigi (2016) e Manuel Castells (2013), buscando contextualizar a conjuntura que o objeto de estudo está inserido.

Partindo do mesmo princípio dos demais eixos teóricos, nortear o leitor sobre os conceitos da pesquisa, partimos para a reflexão do termo de cidadania. Conceito abordado por Cyro de Barros Rezende Filho e Isnard de Albuquerque Câmara Neto (2001); Murilo César Soares (2008); Cristóvão Almeida, Joel Guindani e Valdir Morigi (2010); Andre Azevedo da Fonseca (2011) e Marisa Perrone Campos Rocha (2000), procuramos entender e problematizar o conceito para ter como base de entendimento da cidadania comunicativa, próximo eixo estudado.

Por fim, o eixo de cidadania comunicativa é baseado através de Murilo César Soares (2008); Roseli Figaro (2015); Maria Cristina Mata (2006); Nivea Bona e Guilherme Carvalho (2015); Cristóvão Almeida, Joel Guindani e Valdir Morigi (2011); Laura Wottrich (2013); Solange Engelman e Joel Guindani (2012) e Lívia Saggin e JianiBonin (2017).

Acreditamos que a partir dessas reflexões teóricas conseguimos estruturar a pesquisa e nos aproximar do objeto, o que nos leva a construir a pergunta problema central que norteia a investigação em sua totalidade. Partindo desse pressuposto, elencamos a seguinte pergunta-problema: *de que modo o movimento sociocomunicacional MST efetiva as práticas de cidadania comunicativa em sua página no Facebook?*

A partir da eleição desta pergunta-problema, guiamos nossa pesquisa de modo a responde-la. Procuramos, ao longo da monografia, realizar movimentos de ida e volta à questão, verificando e retificando os percursos teórico-metodológicos desenhados.

1.1 Objetivos

Abordaremos nesse tópico os objetivos gerais e específicos do referente trabalho de conclusão de curso.

1.1.1 Objetivo geral

Analisar e investigar a efetivação da cidadania comunicativa na página do Facebook do Movimento Sem Terra através das interações dos sujeitos nas produções jornalísticas do movimento sociocomunicacional.

1.1.2 Objetivos específicos

- Descrever e analisar as práticas comunicacionais do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no site e página do Facebook;
- Problematizar e refletir as práticas da cidadania comunicativa no Facebook do MST;
- Analisar as interações dos sujeitos na página do Facebook do MST;
- Produzir conhecimento sobre os movimentos sociocomunicacionais e sobre práticas de cidadania comunicativa voltadas à transformação.

1.2 Justificativa

O interesse em executar o trabalho de conclusão de curso nessa temática, surgiu no Componente Complementar de Graduação (CCG) “Jornalismo Comunitário”, desenvolvida no quinto semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa.

Acreditamos a partir das reflexões e estudos na CCG, que os meios de comunicação são ferramentas importantes e essenciais para o conhecimento, problematização e transformação social, sendo um direito essencial e humano. Porém, conforme analisamos, esse contexto por vezes não se aplica, devido a centralização de poder existente nos meios de comunicação, levando a delimitação e circulação do alcance de informações. A partir disso, passamos a investigar movimentos sociocomunicacionais que utilizam de suas próprias ferramentas comunicacionais para alcançar um espaço na mídia, dando visibilidade às suas lutas e buscando contemplar seu espaço comunicacional de direito.

O Movimento Sem Terra apresentou elementos que nos pareceram, num primeiro momento, problematizar estas características, pois utiliza de uma dinâmica individual de utilização de ferramentas comunicacionais digitais (no caso de estudo, o Facebook), como potencial para se pautar diante da grande mídia e alcançar os sujeitos com as informações oriundas e produzidas do próprio movimento.

Destacamos que o movimento sociocomunicacional também faz uso de outras plataformas comunicacionais, porém escolhemos a página do Facebook como mídia social para análise, pela justificativa de que a rede possui mais alcance e facilidade de acesso. A escolha pelo meio digital também na compreensão de que o ciberespaço é mais inclusivo do que os outros meios de comunicação, pois o mesmo permite a expressão de indivíduos, grupos, instituições e comunidades. Peruzzo *apud* Saggin (2016, p. 142) igualmente considera

que o “ciberespaço é um novo ambiente para se exercitar a cidadania comunicacional, facilitado pelas possibilidades oferecidas pela interatividade, pelo intertexto e pela comunicação com todos”.

Com base no que explanamos, chegamos ao interesse de conhecer melhor o movimento sociocomunicacional, MST, e estudar sobre o aspecto de sua produção jornalística e suas interações com os seguidores, utilizando-se do Facebook. Argumentamos, ainda, que a pesquisa que desenvolvemos é atual e inédita, na medida em que apresenta ao campo de estudo do jornalismo e para outros pesquisadores, tanto da área quanto em outras áreas que se interessem por estudos dos movimentos sociais, achados renovados sobre a efetivação da cidadania comunicativa em imbricação com os movimentos sociocomunicacionais.

Entendemos, também, que os resultados da pesquisa poderão ser direcionados ao próprio MST, para que o movimento possa aproveitar os conhecimentos advindos do ambiente acadêmico. Nesse processo, visualizamos que o movimento pode utilizar de nossa investigação para conhecer melhor o tipo de comunicação e as estratégias por ele estabelecidas, podendo aperfeiçoar, ou até mesmo mudar suas formas de produção e interação comunicacional.

Pensando na facilidade de acesso às informações, disponibilizadas via Facebook, e no conhecimento prévio adquirido durante o curso de jornalismo (na CCCG anteriormente citada e em outros componentes de comunicação digital), esta proposta de estudo é plenamente viável e importante para formação da pesquisadora enquanto jornalista e cidadã.

1.3 Organização da monografia

Neste capítulo pretendemos guiar o leitor e mapear os próximos capítulos apresentados na monografia, fazendo um breve resumo sobre cada eixo a seguir.

No capítulo 2, o leitor irá encontrar os eixos teóricos que norteiam a pesquisa, com a reflexão sobre mídias digitais e suas características, dos movimentos sociais aos sociocomunicacionais, cidadania e cidadania comunicativa, buscando definições e embasamentos teóricos para sustentar nossa pesquisa.

No próximo capítulo, de número 3, encontram-se as abordagens metodológicas, explicando o passo a passo da pesquisa desenvolvida e as metodologias aplicadas. Nesse

contexto, apresentamos primeiramente a pesquisa da pesquisa, onde buscamos analisar trabalhos da nossa linha de pesquisa para assim melhor fundamentar o trabalho. Em seguida, partimos para a pesquisa exploratória, aplicada para nos aproximarmos do objeto de estudo e delimitá-lo. A partir dessas pesquisas, chegamos na pesquisa sistemática, dividida em pesquisa sistemática das produções e pesquisa sistemática com os sujeitos, onde detalhamos os resultados das pesquisas anteriores, para assim conseguirmos partir para a análise da monografia.

A partir dos dados coletados nas abordagens metodológicas, apresentamos no capítulo 4, a análise do trabalho de conclusão de curso. Neste eixo, analisamos a página do Facebook do MST e as aproximações das práticas de cidadania comunicativa, a descrição dos sujeitos partícipes da página, análise das mídias digitais e suas potencialidades, e por fim, o conceito de cidadania e cidadania comunicativa.

No capítulo 5 do trabalho, expomos as nossas considerações finais e propostas para novas construções de pesquisa, debatendo os conceitos que apresentamos ao longo do trabalho, nossas considerações e novos rumos para pesquisa neste campo de estudo.

Por fim, apresentamos os apêndices A, B e C, ilustrando dados da pesquisa exploratória e o questionário aplicado aos sujeitos participantes da página, desenvolvido na pesquisa sistemática com os sujeitos.

2 REFLEXÕES TEÓRICAS: ABORDAGENS PARA COMPREENSÃO DA PROBLEMÁTICA INVESTIGADA

Neste capítulo iremos abordar os principais conceitos e abordagens teóricas que são tratadas ao longo do trabalho de conclusão de curso. Essa construção é fruto de nossos movimentos de pesquisa da pesquisa, e, também, de revisão teórica. Elencamos para essa discussão propostas teóricas que convergem com nossa problemática de pesquisa, a fim de permitir o avanço de nossa investigação frente às questões inicialmente realizadas. No trajeto deste trabalho, elegemos alguns pontos principais do capítulo, assim dividido: mídias digitais e suas potencialidades; movimentos sociocomunicacionais e MST; cidadania; e, por fim, cidadania comunicativa.

2.1 As mídias digitais e suas potencialidades

Castells (2003) relaciona a tecnologia da informação com a eletricidade da Era Industrial⁶. O autor afirma que em nossa época, a internet poderia ser equiparada a uma rede elétrica ou a um motor elétrico, por sua capacidade de distribuir a força da informação para todas as atividades humanas, sendo o tecido de nossas vidas. Partindo dessa definição, entendemos que a internet e o acesso a ela são uma necessidade da existência humana, devendo ser um acesso democrático e sem hierarquias. Moraes (2000) ressalta a importância das potencialidades no âmbito virtual, fundadas em práticas comunicacionais interativas, descentralizadas e não submetidas aos mecanismos habituais de seleção e hierarquização adotados pela grande mídia.

A partir desse contexto, podemos nos referenciar e discutir sobre as mídias e redes sociais. Para Castells (2003), rede é um “conjunto de nós interconectados”, possuindo vantagens como ferramentas de organização em virtude de sua flexibilidade e adaptabilidade, características da sobrevivência em um ambiente de rápida mutação. Ao entendermos o conceito de rede, a problemática de pesquisa nos leva a questionar as chamadas redes sociais.

⁶Marcada pela mecanização da produção, surgimento das primeiras máquinas, energia do carvão e do ferro, formação da força de trabalho. (Oliveira, 2004)

Recuero (2009) compreende que redes sociais na internet são constituídas de representações dos atores sociais e de suas conexões, essas representações podem ser individualizadas como também personalizadas. Ainda segundo as propostas da autora, as conexões são os elementos que possibilitam a criação de estruturas, formadas pelas representações, gerando, em um âmbito mais complexo, as redes sociais. É nestas redes que podemos enxergar movimentos caracterizados pela interação.

Pensando no âmbito da produção comunicacional, produzir conteúdos para redes sociais tem características especiais. Boyd (2007, *apud* Recuero, 2009) define essas características como persistência (aquilo que foi publicado permanece por tempo indeterminado no ciberespaço), capacidade de busca (capacidade que esses espaços têm de permitir a busca e permitir que os atores sociais sejam rastreados, assim como as demais notícias), replicabilidade (o que é publicado pode ser replicado a qualquer momento, por qualquer indivíduo), e audiências invisíveis (presença de audiências nem sempre visíveis através da participação. Há algumas que poderão aparecer após publicação, por conta das características anteriores, que permitem que esses grupos deixem rastros que poderão ser encontrados posteriormente). Concordamos com o autor a partir do momento que percebemos que essas características podem ser encontradas na rede social recortada para esta investigação – a página do Facebook do MST. Estas características podem ser localizadas com determinada facilidade neste cenário concreto, possibilitando aos usuários diversas ferramentas que dinamizam suas movimentações midiáticas.

Ao usarmos as definições teóricas até aqui trabalhadas para pensar o espaço digital analisado nessa pesquisa, podemos destacar outra característica fundamental avistada no Facebook: a participação dos seguidores, ou dos usuários que visitam a página e a interação dos mesmos, e que pode ser favorável ou contrária à ideologia do movimento. Moraes (2000, p. 154) alega que “as ferramentas da web podem propiciar aos movimentos sociais uma intervenção ágil em assuntos específicos, acentuando-lhes a visibilidade pública”. Paralela e complementarmente, Sousa (2014) afirma que essas redes sociais facilitam a publicação, a discussão, e o compartilhamento de conteúdo em um modelo de comunicação cada vez mais configurado pela participação.

Nas propostas elaboradas por Jenkins (2013) essas abordagens ganham outra configuração. Nas definições do autor, essas possibilidades de participação mais efetiva dos movimentos sociais em rede é compreendida como uma cultura participativa, onde o público que antes era isolado, passivo e silencioso, hoje passa a ser conectado socialmente e

barulhento⁷. Já em outra obra, mais recente, Jenkins (2014) complementa que o público não é mais visto como apenas consumidores de notícias já construídas, mas como pessoas que estão moldando, compartilhando, reconfigurando conteúdos que antes não poderiam ser alterados. Tais características se enquadram também no conceito de cidadania comunicativa, apresentando posteriormente. Para Saggin e Bonin(2017) a configuração dos espaços digitais potencializa chances de uma multiplicidade coletiva, pela constituição de um espaço que é caracterizado por distintas posturas, visões de mundo, capazes de debaterem de forma mais horizontal.

O MST, assim como os demais movimentos sociocomunicacionais, busca produzir suas próprias reportagens e notícias para os seus próprios meios de comunicação, para a divulgação apropriada das suas ideias e políticas. Fonseca (2011) disserta que esses movimentos devem tomar para si a responsabilidade de produzir e difundir seus próprios conteúdos. O autor comenta, também, que essas organizações desenvolveram ao longo do tempo canais para expressar suas práticas culturais, seus valores e interpretações de mundo, buscando veicular informações diretamente relacionadas ao contexto que estão inseridos. Vizer (2007) acredita que os movimentos sociais desconfiam dos meios de comunicação de massa e compartilham de posturas dos meios de comunicação radicais(aqueles, que segundo Vizer, planta mais abertamente em função da crítica do *status quo*, da denúncia dos dispositivos de poder e injustiças, também é aquele sujeito crítico defensor do cidadão, dos valores, dos bens e valores coletivos).Os movimentos através das suas próprias mídias, além de procurar divulgação de seus ideais, buscam, também, conquistar legitimidade e reconhecimento perante a sociedade. Vizer ainda complementa que os meios tradicionais procuram manter e abafar a denúncia dos movimentos sociais, não contemplando em suas abordagens os ideais, objetivos e reconhecimento público desses movimentos. Já os meios radicais não tentam convencer, mas sim fazer pública sua denúncia e intervir no espaço público, representando os espaços públicos, a cidadania e os princípios coletivos.

É notório que o ciberespaço é um espaço dinâmico e de espaço para todos (especialmente para a sociedade capitalista e ocidental), espaço esse que deve possibilitar liberdade para expressão e interação. Castells (2013) argumenta, ainda, que é um espaço de segurança, onde pessoas de todas idades e condições passam a ocupar esse espaço público, reivindicando histórias, caracterizando os movimentos sociais. Porém, essa visão positiva do autor deve ser repensada e problematizada. O ciberespaço deveria ser sim, um ambiente de

⁷ Na pesquisa, entendemos o conceito de barulhento como um público ativo e interativo.

inclusão e liberdade de expressão, porém muitos pontos da sociedade ainda não possuem alcance à esses meios e acabam sendo excluídos das decisões e participações comunicacionais, contrariando o conceito de cidadania comunicativa.

Para nossa pesquisa, o pensamento de Castells (2003) é importante, também, para compreender o papel dos movimentos sociocomunicacionais junto à mídia. Segundo o autor, os movimentos procuram trabalhar de modo independente aos partidos políticos; desconfiam da mídia – especialmente a hegemônica – e não reconhecem lideranças e organizações formais. Para tudo isso se concretizar, se apropriam do ciberespaço para debater de maneira coletiva e tomar decisões referentes às temáticas abordadas no movimento. Com esse contexto, entendemos que o ciberespaço, juntamente com as mídias digitais, é um ambiente de importância para articulação social e deve ser de espaço para todos. Sabemos, entretanto, que esse contexto não se concretiza de modo igualitário, sendo que vários cenários não encontram-se a margem dessas possibilidades, sem possuir, sequer, acesso aos meios comunicacionais.

As mídias digitais, assim como os demais conceitos estudados ao longo do trabalho não tratam de apenas uma definição. Jenkins (2014) apresenta a propagabilidade, a qual se refere aos recursos técnicos que tornam mais fácil a circulação de algum conteúdo, em relação aos outros, às estruturas econômicas que sustentam ou restringem a circulação e aos atributos de um texto de mídia que podem despertar a motivação dos usuários. Essa propagabilidade acontece, também, pelo potencial dos públicos compartilharem conteúdos por motivos individuais, por vontade do produtor do conteúdo, ou não.

Apesar de todas as características individuais das redes sociais, não devemos pensá-las como redes isoladas. Jenkins (2014) acredita que as facilidades das mídias digitais funcionam como catalisadoras para a reconceituação⁸ de outros aspectos da cultura, repensando as relações sociais, culturais e políticas. Notamos, também, essas características debatidas neste tópico operacionalizadas na página do Facebook do MST, o que reitera as que este espaço comunicacional inova e se mantém próximo de exemplos contemporâneos da comunicação digital.

⁸ Em nossa pesquisa, o termo significa formular uma nova conceituação.

2.2 Dos movimentos sociais aos sociocomunicacionais e o MST

Para compreendermos e pesquisarmos sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), precisamos investigar, primeiramente, sobre a origem dos movimentos sociais no Brasil e o que eles representam, para assim chegarmos até o MST e entendermos sobre as suas lutas de hoje.

Como ponto primordial da pesquisa, necessitamos entender o que são os movimentos sociais. Sob o olhar de Gohn (2011, p. 335, *apud* Gohn 2008), movimentos sociais são “ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas”, essas formas de expressão podem ser distintas, como marchas, passeatas, mobilizações, etc., também podem ser caracterizadas pelas ferramentas de comunicação, como grupos de internet e redes sociais, para alavancar sua visibilidade. O movimento Sem Terra utiliza e necessita dessas formas de expressão para construir suas propostas, atuando em coletivos, agindo com resistência à exclusão e lutando pela inclusão social, fundamentando um projeto de vida e sociedade cidadã.

Já na visão de Wallerstein (2005) o termo “movimentos sociais” é mais restrito e refere-se basicamente às organizações sindicais e aos partidos socialistas, supondo que o objetivo é impulsionar a luta de classes contra a burguesia e os empresários no interior de cada Estado. Esses movimentos surgiram no século XIX como organizações significativas que possuíam suas próprias estruturas burocráticas, e se fortaleceram com o decorrer do tempo.

Essa breve recuperação teórica nos ajuda a compreender algumas distinções básicas. Movimentos sociais não são classes sociais, mas sim, grupos sociais, podendo ser maiores ou não que as classes, com contornos mais ou menos definidos em função dos interesses do coletivo. A luta dos movimentos não está na rejeição à política, mas sim na ampliação dela para além do contexto liberal e da distinção entre sociedade civil e estado. As formas de opressão e exclusão que esses grupos lutam não podem ser abolidas com simples concessão de direitos. Os direitos necessitam, portanto, serem conquistados.

No contexto brasileiro, os movimentos sociais vieram à tona durante o período populista (1945 – 1964), período esse marcado pela forte participação popular, devido às disputas político-partidárias. Para Gohn (2011) foi nessa fase que existiram quase cinquenta coletivos partidários no país, os sindicatos se multiplicaram, os movimentos sociais emergiram em diferentes partes da nação, reivindicando múltiplas questões, como reformas de

base e equipamentos urbanos básicos para a sobrevivência da população que se deslocava do campo para a cidade, em busca de melhores condições de vida.

Complementando, Peruzzo (2013, p. 75) destaca que “movimentos sociais são articulações da sociedade civil constituídas por segmentos da população que se reconhecem como portadores de direitos e que se organizam para reivindicá-los”. A autora também diferencia movimento social (mais amplo) de movimento popular (das classes populares que portam conteúdos emancipadores). O MST vem a se encaixar no conceito de movimento social, pois para Peruzzo (2013) movimentos sociais são caracterizados pela organização coletiva, consistência de laços, identidades, clareza e durabilidade de estratégias (mobilizadoras, comunicativas), características estas que percebemos como presentes no movimento Sem Terra.

No período de 1958 até 1964 os movimentos sociais no campo que lutavam pela reforma agrária, foram um dos mais importantes no período populista. Gohn (2011, p. 136) comenta que a luta era clamada como uma das reformas de base que eram exigidas pela população na época, porém os interesses dos latifundiários eram maiores e por isso criaram todos os empecilhos para ela não se concretizar. Apenas em 1985, através de diversas mobilizações populares pressionando o Estado a promover a Reforma Agrária, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra com o lema “terra não se ganha, se conquista”, conseguiu se oficializar, através do chamamento à mobilização para as ocupações de terras ociosas e públicas. Em meados da década de 1990, o MST conseguiu apoio e visibilidade, se tornando o maior movimento social da América Latina, efetivando a Reforma Agrária na agenda pública do Brasil (CARTER, 2008).

Ainda para Peruzzo (2013), na era pós-ditadura os movimentos sociais podem ser agrupados em categorias, como: movimentos vinculados à melhoria das condições de trabalho e de remuneração; movimentos que defendem os direitos humanos; movimentos voltados a resolver problemas decorrentes das desigualdades (Movimento Nacional pela Moradia e MST são alguns exemplos) e movimentos político-ideológicos. Vizer (2007) compreende que os paradigmas emergentes do século XXI desembarcam novos modos de relação entre a militância, novas formas de ativismo social e os meios de comunicação.

Contudo, nessas características emancipatórias dos movimentos sociais, os meios de comunicação passaram a assumir funções no contexto dos movimentos sociais. Fonseca (2011) acredita que a partir dos anos 1970, comunicólogos e educadores influenciados por Paulo Freire passaram a enfatizar caráter dialógico nos processos pedagógicos, aproximando a produção entre os recursos da comunicação e educação. Essas ideias esboçaram um novo

paradigma no papel dos meios de comunicação no contexto dos espaços não-formais de educação presentes na organização e mobilização dos movimentos sociais. Mas com todas as inovações tecnológicas atuais, a militância online vem expandindo a tela comunicacional, usufruindo de uma das singularidades do ciberespaço: disponibilizar, em qualquer espaço-tempo, variadas atividades, formas e expressões de vida (MORAES, 2000).

Atualmente, a pauta central do MST continua sendo a Reforma Agrária, que é elencada para “regularizar os títulos de propriedade, construir as unidades familiares e apoiar a produção, ao invés de se restringir à distribuição de terras” (SABOURIN, 2008, p. 1). Porém, o movimento luta, segundo suas diretrizes, também por uma sociedade mais justa e igualitária, apoiando e defendendo mudanças na estrutura política e capitalista do país. Essa perspectiva corrobora no entendimento de que os movimentos não podem ser considerados apenas como uma tentativa de emancipação política, mas acima de tudo pessoal, social e cultural. Enfatizando os pressupostos debatidos pelos autores, Engelmann, Stueber e Morigi (2016) consideram que o MST modifica o cenário das lutas populares do Brasil, se tornando um expressivo e importante coletivo pela defesa dos direitos sociais básicos do cidadão.

Retomando as problematizações de Vizer (2007), o autor propõe uma caracterização dos movimentos sociais. Para ele, dentre as características centrais estão desenvolver (práticas e dispositivos instrumentais de ação); transformar as relações e as práticas de poder instituídas; mobilizar ações de resistência instituintes; apropriar conflitivamente de tempos e espaços públicos (como tomada de rodovias, edifícios, etc.); motivar para cultivar vínculos, instituições de agrupamento ou contenção e, por fim, inspirar criativamente o universo da cultura, da comunicação e das formas simbólicas.

Atualmente, na América Latina segundo Vizer (2007) os 3 “T” continuam sendo as bandeiras mais dinâmicas para as ações coletivas dos movimentos sociais (terra, teto e trabalho), onde a globalização e as políticas neoliberais dos anos 1990 aprofundaram a marginalização, o desemprego e os conflitos sociais, gerando a reorganização dos movimentos sociais.

Compreendemos a partir disso, que os movimentos sociais sempre estiveram presentes na história. Porém, ao longo do tempo, perceberam que dependiam dos mecanismos de comunicação para disseminar suas vozes e fundamentar seus diálogos através da comunicação e, mais recentemente das redes digitais. Castells (2013) destaca que os primeiros meios utilizados foram os boatos, sermões, panfletos e manifestos, passados de pessoa a pessoa, por meio da imprensa ou por qualquer meio de comunicação disponível em cada momento. Atualmente, as redes digitais são os veículos mais rápidos e autônomos, onde quanto mais

interativa e autoconfigurável for a estratégia comunicacional, menos hierárquico e mais participativo será o movimento.

Fonseca (2011) defende que no decorrer do século XX os movimentos sociais urbanos não poderiam deixar os meios de comunicação serem empregados como uma estratégia para contribuir na mobilização social, na contestação da ordem capitalista e na conscientização política das classes populares. A partir disso, as demais associações, agremiações e sindicatos se dedicaram para produzir seus próprios meios de comunicação alternativos, voltados a assuntos da luta política e de reivindicação dos direitos de cidadania.

Através desse contexto apresentado, os movimentos sociais desde seu início dependem de algum tipo de comunicação para se desenvolver como um grupo e garantir sua visibilidade diante a sociedade. Atualmente com o ápice das mídias e redes digitais, os movimentos sociais precisaram se apropriar das mesmas para garantir sua voz e seus direitos que reivindicam. Através dessas ferramentas procuram produzir matérias independentes, horizontais e sem hierarquias, compartilhando as pautas de forma isenta e coerente. Esses movimentos que utilizam a comunicação como ponto primordial para seu desenvolvimento, podem ser considerados movimentos sociocomunicacionais, termo recentemente explorado por autores citados nesse capítulo (SAGGIN; BONIN (2017), e CASTELLS (2013).

2.3 Perspectivas teóricas para refletir sobre o conceito de cidadania

Como problemática central em nossa pesquisa, a cidadania necessita ser trabalhada, também, teoricamente. Inicialmente, a ideia mais corrente e que circula tanto no âmbito do senso comum, quanto no âmbito acadêmico, avista a cidadania como parte do conceito de “sociedade”, conceito que sempre esteve presente, porém, que se modifica com o passar dos anos,acompanhando as dinâmicasde transformação social.

O conceito primordial de cidadania vem da antiguidade e dizia respeito apenas à participação política da Pólis grega e romana, através do regime Aristocrático. A partir disso, o termo cidadania da época se modelou conforme o regime de governo. A cidadania se privava aos privilégios das categorias sociais dominantes, onde as classes subalternas eram discriminadas e excluídas. Para Rezende e Neto (2001) seria ingênuo acreditarmos que apenas a garantia de plenos direitos, como o voto, ofereceria aos cidadãos uma participação efetiva

nas decisões políticas. Este era apenas um status que oferecia ao cidadão possibilidades distintas às destinadas ao restante da sociedade.

Após as revoluções americanas e francesas, do século XVIII, o termo cidadão se moderniza, passando a receber outro sentido, mais amplo, com viés libertário e que indicava a posse ao direito dos indivíduos. O conceito de cidadania, no sentido contemporâneo implica que os cidadãos têm certos direitos, como os políticos (direito ao voto), mas trata-se, também, de uma construção histórica ligada a aspectos de vida, indicando o acesso dos cidadãos à saúde, educação, previdência, cultura, e, ao aspecto que mais no interessa nessa investigação, à comunicação (SOARES, 2008).

Sob o olhar de Rezende e Neto (2001) o processo de formação dos Estados Nacionais foi caracterizado como um período de transição, de revoluções sociais, das transformações políticas e econômicas, da disseminação do conhecimento, busca de liberdade e igualdade dos indivíduos e a procura constante de construir uma sociedade mais justa. Com todas essas mudanças, houve também inovações no conceito de cidadania. A partir disso, o conceito que agregava as ideias de liberdade e igualdade nos seus princípios básicos, procuravam “regular as relações de poder, garantindo aos cidadãos livre atuação civil, econômica e política” (REZENDE E NETO, 2001, p. 4).

Com todas essas evoluções e adaptações do conceito de cidadania, Soares (2008) cita três momentos de lutas pela cidadania, debatidos originalmente na teorização de Thomas Humphrey Marshall: a luta pelos direitos civis (liberdade individual de ir e vir); luta por direitos políticos (poder de voto) e luta por direitos sociais (bem-estar e segurança). Na tentativa de conceituar a cidadania contemporânea, Almeida, Guindani e Morigi (2011, p. 961), defendem que os cidadãos devam ter oportunidade de interferir no ordenamento da sociedade, questionando ou discutindo. Os autores complementam argumentando que “a cidadania também diz respeito ao processo de lutas específicas e de práticas concretas que possibilitam o sujeito a se tornar um cidadão” (ALMEIDA; GUINDANI; MORIGI, 2011, p. 961).

Fonseca (2011) acredita que a politização social, do cultural e do pessoal abre um campo para o exercício da cidadania, e ao mesmo tempo releva limitações dela, restringindo-se ao âmbito do estado e do político. É possível pensar e organizar novos exercícios para a cidadania, assim como novas formas do conceito, pensando na dimensão coletiva e que não se limita à problematização individual.

Porém, ao analisarmos as evoluções conceituais acerca da cidadania, principalmente no que tange as mudanças nas estruturas sociais, o termo cidadania baseado apenas na ideia

de direitos e deveres, ou nos direitos civis, políticos e sociais é muito superficial. Precisamos pensar em como os cidadãos podem interferir de maneira justa e igual nas decisões acerca da sociedade em que vivem.

Para isso, necessitamos repensar um conceito de cidadania que englobe comunicação como possibilidade cotidiana e transformadora, onde os cidadãos não tenham somente garantias de acesso e direito aos meios de comunicação, mas também a ação comunicacional, de modo que suas pautas sejam tratadas de maneira igual ao restante das informações de massa. Com o processo acelerado de urbanização e constituição de uma sociedade de massa, o domínio dos meios de comunicação tornou-se elemento decisivo para a luta política e, conseqüentemente, para o exercício da cidadania (FONSECA, 2011, p.69). Corroborando com esse pensamento, Rocha (2000) sugere que para garantir a cidadania, devemos assegurar os direitos de acesso à informação e educação para os cidadãos, o que implicaria numa redução dos riscos sociais e políticos. Isto ofereceria aos trabalhadores, também, o acesso e a produção de conhecimentos, oferecendo então, a dignidade para a sobrevivência na sociedade atual. Em suma, um conceito contemporâneo de cidadania contemplaria o direito a requerer direitos. Nesse trabalho, entendemos que esse processo de requerimento pode se dar, de maneira produtiva aos cidadãos, pela comunicação.

2.4 Do conceito de cidadania à cidadania comunicativa

Ampliando as discussões iniciadas no tópico anterior, esforçamo-nos a debater a ideia de *cidadania comunicativa*, discussão central em nossa pesquisa. É imprescindível que um conceito de cidadania possibilite a garantia de direitos ao maior número de cidadãos possíveis, ou, pelo menos, assegure que um maior número de sujeitos conquiste espaços para expressar suas necessidades e anseios por direitos.

Soares (2008) acredita que o indivíduo precisa do acesso à informação para exercer seu direito de acesso à esfera política, pois através dessas informações é que o cidadão poderá fazer suas escolhas e julgamentos de forma autônoma e individual. Através dessa linha de pensamento, devemos pensar também uma forma das pautas das classes subalternas chegarem até os meios de comunicação de massa, pois notamos a carência e negação às informações desses cidadãos nesses espaços comunicacionais.

Primeiramente, é necessário que se repense as verdadeiras qualificações do termo “comunicação”. Figaro (2015) explica através da recuperação das ideias de Paulo Freire que a comunicação é uma das características essenciais da humanidade. Entendemos que essa característica deriva para diversas dimensões, como, por exemplo, a comunicação como natureza do homem ou como relação social.

A cidadania comunicativa parte do pressuposto de garantir acesso, visibilidade e discussão das classes minoritárias nos meios de comunicação de massa. Porém, com a dificuldade dessa questão, movimentos sociais, e, em específico nesse trabalho, o MST, objeto estudado, produzem suas próprias informações para seus próprios meios de comunicação, divulgando seus objetivos, posicionamentos e comunicados, com agilidade e credibilidade. A partir desse enquadramento, entendemos que objetos desta natureza tornam-se importantes objetos de estudo para repensar o empoderamento comunicacional e, evidentemente, a cidadania comunicativa.

Seguindo essa linha de problematização, Mata (2006, p. 13) entende a cidadania comunicativa como “elreconocimiento de la capacidad de ser sujeto de derecho y demanda en el terreno de la comunicación pública, y el ejercicio de ese derecho”⁹, a autora ainda complementa que esses direitos são basicamente os civis (liberdade de expressão, direito a informação, etc.), implica também no desenvolvimento de práticas para garantir os direitos no campo da comunicação.

Segundo Bona e Carvalho (2015), a cidadania comunicativa teve suas primeiras propostas de construção na década de 1990, quando a midiaticização, o advento da sociedade da informação e a relação do público com os meios de comunicação de massa se tornaram foco de reflexão. As autoras entendem, ainda, que da mesma maneira que os cidadãos têm seus direitos e deveres em um espaço comum, infere-se que esses mesmos cidadãos devem se tornar participantes de um espaço comunicacional.

O MST, assim como outros movimentos, exemplos de práticas da cidadania comunicativa, utilizam suas ferramentas para reflexão, articulação e debates acerca de suas atividades através dos seus meios de comunicação. Almeida, Guindani e Morigi (2011) dizem que:

A cidadania comunicativa não rompe com a constituição dos direitos civis, como a liberdade de expressão, direitos políticos, como as formas de participação dos cidadãos e direitos sociais, como direito à informação, educação, ao acesso ao conhecimento. No entanto, reflete sobre a capacidade desses direitos, já

⁹ Tradução livre: o reconhecimento da capacidade de ser sujeito de direito e demandas no terreno da comunicação pública, e o exercício a esse direito.

conquistados, serem ampliados com a adesão de novas vozes cidadãs (ALMEIDA, GUINDANI, MORIGI, 2011, p. 4).

Wottrich (2013) acrescenta que o conceito de cidadania comunicativa não descarta as demais dimensões de cidadania, e sim busca envolver dimensões culturais e sociais, sendo concretizada somente na prática, na vinculação de discurso e ação. No caso específico do objeto concreto estudado nessa pesquisa, o MST além de buscar seu espaço comunicacional nas suas plataformas, busca, também, as outras dimensões de cidadania para os membros da sua comunidade, através de ações estratégicas que transitam pelos meios de comunicação.

A partir dessas premissas, entendemos que a cidadania comunicativa constitui-se como uma luta constante dos movimentos sociais brasileiros, pois através do acesso aos meios de comunicação conseguem construir credibilidade e divulgação de seus atos, construindo um espaço de lutas legitimado no âmbito público. Ainda para Almeida, Guindani e Morigi (2011, p.5) a noção de cidadania comunicativa é concebida como aquela ligada à experiência concreta dos movimentos sociais, movimentos que organizam e dependem de uma estratégia de comunicação democrática e de transformação social, não sendo vinculada pelo Estado ou pelas classes dominantes.

O objeto escolhido para estudo, MST, vem, segundo Guindani e Engelmann (2012) desde a sua fundação como organização social desenvolvendo uma compreensão sobre a importância da comunicação para sua visibilidade. Através da criação do Setor de Comunicação, o Movimento conseguiu expandir suas estratégias organizativas, possibilitando grandes mobilizações em todo país, divulgando suas bandeiras e construindo sua legitimidade. Sendo assim, compreendemos que este é um movimento que tem como princípios a concretização da cidadania comunicativa, através da utilização de seus meios de comunicação contra-hegemônicos.

A partir de tudo isso, nos aproximamos das ideias de Saggin e Bonin (2017) quando compreendem que a comunicação se coloca como uma maneira vital à cidadania. As autoras acreditam, também, que a cidadania comunicativa é um exercício humano essencial para que os sujeitos possam reelaborar outros mundos possíveis, relacionados à emancipação social em diversas dimensões, através das ferramentas comunicacionais e de suas utilizações estratégicas.

Após trabalharmos teoricamente os eixos que balizam nossa pesquisa, propomo-nos, no capítulo seguinte, a desenhar e explicitar as estratégias metodológicas que guiaram a investigação.

3 ABORDAGENS METODOLÓGICAS: CAMINHOS PARA A PRODUÇÃO DA PESQUISA

Neste presente capítulo iremos abordar as fases que foram desenvolvidas para executar a pesquisa. O capítulo se inicia com a pesquisa da pesquisa, estratégia metodológica que é primordial para darmos início ao trabalho de conclusão. No segundo momento, partimos para a explicitação detalhada dos passos dados dentro da pesquisa exploratória, e que nos permitiu a aproximação com o objeto concreto de análise. Finalmente, detalhamos os percursos da pesquisa sistemática, que buscou aprofundar as pistas encontradas tanto na pesquisa da pesquisa, quanto na pesquisa exploratória.

3.1 Pesquisa da pesquisa

Uma das abordagens metodológicas utilizadas no trabalho é a pesquisa da pesquisa, método com o objetivo de coletar estudos já feitos na área, “a fim de que as novas investigações contemplem e considerem estes desenvolvimentos e aquisições e busquem efetivamente avançar com e a partir deles” (BONIN, 2008, p. 123). Através dessa pesquisa, o pesquisador tem a oportunidade de visualizar os tipos de análise que já foram feitas na área, para que o trabalho se torne pertinente e importante para investigações futuras.

Nessa investigação, a pesquisa da pesquisa foi realizada nos bancos de dados da Compós, Google Acadêmico, Intercom, Banco de Teses e Dissertações da Unisinos (acervo digital), Revista Comunicação e Educação USP e Revista NERA (Núcleo de Estudos, pesquisas e projetos da Reforma Agrária – UNESP). Os bancos de dados eleitos dentro desta estratégia metodológica consideraram a relevância das publicações neles contidas; as áreas de interesse à investigação que realizamos, bem como, as temáticas e a natureza dos trabalhos científicos dispostos nestes acervos, e que se aproximam, pelo menos parcialmente, dos objetivos de nossa investigação.

Para essas buscas, utilizamos as seguintes palavras-chave: MST; Facebook; cidadania e cidadania comunicativa. Através da pesquisa da pesquisa, encontramos 22 artigos, sendo eles:

sete relacionados ao MST¹⁰; quatro ao Facebook¹¹; quatro cidadania comunicativa¹² e sete a cidadania¹³.

Após a realização da pesquisa da pesquisa, podemos constatar que não há nenhuma pesquisa sobre o objeto de pesquisa em questão que considere as abordagens teórico-metodológicas, os recortes metodológicos construídos e que supram nossas palavras-chave confirmando que o nosso estudo é pertinente. Além disso, reiteramos a pertinência dessa pesquisa ao notarmos através dos trabalhos que tivemos acesso a partir desta metodologia aplicada que há muitos estudos desenvolvidos na perspectiva de como o MST vem sendo tratado na mídia. No entanto, não encontramos pesquisas que analisam as mídias e a importância delas para o movimento.

A partir da pesquisa da pesquisa também podemos aprofundar e compreender melhor a problemática desenvolvida no trabalho, visualizando as insuficiências teóricas e metodológicas sobre esta temática, para que possam, tentativamente, serem contempladas nesta pesquisa.

A partir dessa estratégia metodológica, podemos nortear nossa investigação e entender quais as potencialidades do objeto de estudo e suas dificuldades de desenvolvimento na área científica. Através dela, observamos e nos aproximamos do nosso campo de estudo, aprofundando os conceitos abordados. Essa abordagem metodológica também nos permitiu aprofundar nossos conhecimentos e questionamentos sobre a temática escolhida para pesquisa, sendo uma metodologia aplicada constantemente no decorrer da pesquisa. Os trabalhos selecionados e apontados como aqueles mais relevantes à monografia desenvolvida alimentam nosso capítulo teórico, junto aos diferentes eixos que formam o mesmo.

¹⁰ Para essa pesquisa os mais importantes foram:

CARTER, Miguel (org.). **Combatendo a desigualdade social. O MST e a Reforma Agrária no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 47 maio/agosto, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>>; Acesso em: 3 de maio de 2018.

¹¹ A pesquisa encontrada mais relevante foi:

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet: difusão de informação e jornalismo: elementos para discussão**. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; FIRMINO, Fernando.. (Org.). *Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma*. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2009, v. , p. 1-269.

¹² Destaca-se:

MATA, Maria Cristina. **Comunicación y ciudadanía. Problemas teórico-políticos de su articulación**. Revista Fronteiras – estudos midiáticos. Janeiro/abril, 2006.

ALMEIDA, Cristóvão; GUINDANI, Joel; MORIGI, Valdir. **A prática de cidadania comunicativa na experiência de rádio comunitária**. Compós, 2010.

¹³ SOARES, Murilo César. **Jornalismo e cidadania em duas abordagens**. Compós, 2008.

MORAES, Denis. **Comunicação virtual e cidadania**. Revista Brasileira de ciências da comunicação, 2000.

3.2 Pesquisa Exploratória

Após concluirmos a pesquisa da pesquisa e verificarmos os estudos já feitos na área, partimos para a pesquisa exploratória, para nos aproximarmos do tema e nos certificarmos que o objeto de estudo é viável e importante para pesquisa.

Machado (2008) defende que a pesquisa exploratória permite explorar nosso objeto de estudo, permitindo confirmar e refinar nossas hipóteses e aprofundar os eixos teóricos nos aspectos mais relevantes, podendo tomar novos rumos na pesquisa e redesenhar o projeto. Através dessa hipótese, analisamos durante uma semana (12/04/2018 a 19/04/2018) a página do Facebook e o site do MST, coletando através de tabelas¹⁴ as reações do público, numerando os comentários, curtidas e compartilhamentos de cada publicação, deixando claro a sua temática.

Após a coleta de dados, identificamos um número alto de postagens diárias, com temáticas relevantes e contra-hegemônicas, todas elas com interações dos seguidores e importantes para a problemática construída nesta investigação. Devido a esse alto índice, precisamos elencar e aplicar alguns filtros, de modo a delimitar as produções e interações que para análise mais aprofundada, permitindo responder melhor ao problema de pesquisa.

A pesquisa exploratória permitiu, ainda, delimitar o objeto de estudo entre o site e a página no Facebook. Através da aplicação destes filtros, resolvemos delimitar o estudo apenas para a página do Facebook, por ser uma rede de fácil acesso, onde todas as outras plataformas do movimento estão ligadas (site, Twitter, Soundcloud), permitindo reações/comentários/compartilhamentos do público, o que se aproxima mais do conceito de cidadania comunicativa, central em nossa problemática. Bona e Carvalho (2015) acreditam que “a noção de cidadania comunicativa inclui ser sujeito de direito e de demandas no terreno da comunicação pública e o exercício desse direito”, notamos alguns desses direitos na interação do público nas postagens no Facebook, onde os usuários podem expor suas opiniões (prós e contra), discutir sobre elas e expor suas reações através de curtidas acerca do assunto, sem hierarquias e filtros.

Analisando a tabela (apêndice B), notamos que precisaríamos aplicar mais filtros para chegar às postagens mais importantes para o estudo. Na observação de uma semana na página do Facebook, numeramos 115 postagens. Optamos por filtrar dez postagens para a pesquisa,

¹⁴Apêndice A (site) e Apêndice B (Facebook).

observando os maiores números de comentários, pois através deles notamos o diálogo e o debate sobre as temáticas, deixando pistas sobre a presença da cidadania comunicativa, e então a concretização da pesquisa.

Elencando as dez postagens para pesquisa, notamos que as publicações com mais comentários são as ligadas ao próprio movimento Sem Terra, entre elas ocupações, feiras do movimento, transmissões ao vivo de acampamentos e atos políticos.

Diante desse processo de aproximação e decisão sobre as postagens e interações a analisar, planejamos nossa próxima entrada ao campo, de modo a aproveitar as pistas encontradas na pesquisa exploratória, aprofundando as mesmas a partir de outro arranjo metodológico: a pesquisa sistemática.

3.3 Pesquisa Sistemática

Após desenvolvermos, filtramos os resultados e nos aproximamos do objeto de estudo através da pesquisa exploratória, partimos para a pesquisa sistemática do trabalho. Através dessa pesquisa é possível reunir os conhecimentos adquiridos a cada etapa do trabalho e apurar detalhadamente os filtros elencados na pesquisa exploratória. Saggin (2016,p.198) complementa que essa fase da pesquisa é necessária para o “aprofundamento e à compreensão dos dados e pistas coletadas nos movimentos exploratórios de modo a dinamizar o conhecimento sobre o problema/objeto estudado”.

Para sistematizarmos o objeto de estudo, elencamos quatro categorias de análise de acordo com as postagens com mais comentários na página do Facebook do MST. As categorias foram divididas nas seguintes temáticas: luta, abordagem contra-hegemônica, pautas do movimento, e protagonismo das fontes dos movimentos sociais, especificadas no próximo tópico.

Após categorizarmos os elementos para pesquisa, desenvolvemos um questionário online para os sujeitos participantes das publicações elencadas para estudo, com o objetivo de nos aproximarmos dos cidadãos e verificarmos de que forma a cidadania comunicativa pode estar presente na recepção das informações.

3.3.1 Pesquisa sistemática das produções

Para respondermos aos objetivos da pesquisa, elencamos categorias de análise para aprofundamento do estudo. As categorias foram definidas através das postagens com mais comentários da página do Movimento Sem Terra do Facebook e foram divididas em: postagens de temáticas de luta (lutas sociais em geral); abordagem contra-hegemônica (notícias que não são abordadas na mídia hegemônica); pautas do movimento (postagens sobre o próprio MST) e protagonismo das fontes dos movimentos sociais (produções sobre os protagonistas/fontes do movimento).

No filtro de dez postagens elencadas na pesquisa exploratória, aquelas com mais interatividade foram: transmissão ao vivo acampamento Lula Livre; transmissão ao vivo da Feira Nacional da Reforma Agrária; ato político em defesa de Marielle Franco no Distrito Federal; Feira Nacional da Reforma Agrária; II Jornada Nacional de lutas pela Reforma Agrária; ocupação Sem Terra em Araçatuba (duas postagens), São Paulo; ocupação Sem Terra no norte de Minas Gerais; acampamento Sem Terra na Praça dos Três Poderes, João Pessoa, Paraíba e programa Café com MST.

Através desse filtro, categorizamos as postagens de acordo com as temáticas de cada publicação, entendendo que a análise dessas postagens eram fundamentais para o desenvolvimento da problemática. Compreendemos, ainda, que essa etapa contribuiu para reafirmar a potencialidade do objeto de estudo deste trabalho, visto que é um movimento que possui ferramentas comunicacionais essenciais à luta que defendem.

Para melhor entendimento e visibilidade dessa pesquisa, iremos exemplificá-las com *PrintScreen* das publicações analisadas, mostrando o tema da publicação e as interações dos sujeitos na mesma.

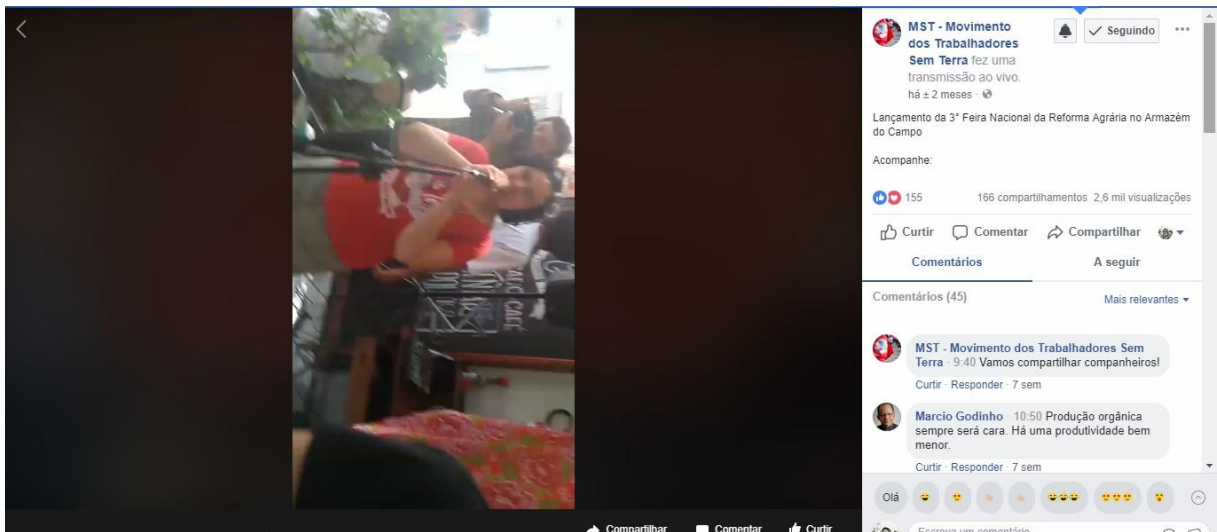
Na imagem a seguir apresentamos um *PrintScreen* de uma transmissão ao vivo da página, do dia 19 de abril de 2018, abordando a temática da cultura e resistência na 3ª feira da Reforma Agrária, que aconteceu do dia 3 a 6 de maio, com a participação do músico pernambucano Simba. A transmissão aconteceu no formato de entrevista, com interação do público que acompanhava o vídeo no momento. Nesse mesmo contexto, apresenta-se as imagens 2 e 3, ambas sobre a Feira Nacional da Reforma Agrária, onde coletamos outra transmissão ao vivo sobre o lançamento do evento e o convite oficial da página para a feira.

Imagem 1: Transmissão ao vivo: Café com MST. 45 comentários, 221 curtidas e 67 compartilhamentos coletados no período de pesquisa.



Fonte: PrintScreen página do Facebook Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, 2018.

Imagem 2: Transmissão ao vivo: Feira Nacional da Reforma Agrária. 45 comentários, 151 curtidas e 168 compartilhamentos coletados no período de pesquisa.



Fonte: PrintScreen da página do Facebook Movimento Dos Trabalhadores Sem Terra, 2018.

Imagem 3: III Feira Nacional da Reforma Agrária. 43 comentários, 1,3 mil curtidas e 0 compartilhamentos coletados no período da pesquisa.

Fonte: *PrintScreen* da página do Facebook Movimento Dos Trabalhadores Sem Terra, 2018.

Nos próximos *PrintScreen* (imagens 4, 5 e 6) foram coletadas as publicações sobre a II Jornada Nacional de Lutas pela Reforma Agrária e a ocupação na fazenda de Oscar Maroni, localizada em Araçatuba, São Paulo. A imagem 4 é a publicação de um compartilhamento de uma reportagem do site para o Facebook da primeira manifestação de ocupação. A imagem 5 relata o segundo dia de ocupação na fazenda, e na sequência, a imagem 6 apresenta um vídeo sobre o perfil de Oscar Maroni, a resistência e o repúdio do movimento em relação aos depoimentos apresentados pelo empresário.

Imagem 4: II Jornada Nacional de Lutas pela Reforma Agrária. 33 comentários, 562 curtidas, 200 compartilhamentos coletados no período da pesquisa.

MST - Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
17 de abril · 🌐

II Jornada Nacional de Lutas pela Reforma Agrária II
A fazenda possui aproximadamente 1700 hectares e já esteve envolvida em processos trabalhistas que a puseram leilão em 2016.
O MST exige que a área seja destinada para a Reforma Agrária e, posteriormente, para a construção de um assentamento onde as famílias possam morar e produzir alimentos agroecológicos, trabalhando sob relações de gênero igualitárias.
#17DeAbril
#JornadaNacionaldeLutas
#22DeImpunidade

MST.ORG.BR
MST ocupa fazenda de Oscar Maroni em Araçatuba (SP)
Na manhã desta terça-feira (17), cerca de 300 integrantes do MST...

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar 📷

👍❤️👍 584 Mais relevantes ▾

204 compartilhamentos 36 comentários

MST - Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
@MovimentoSemTerra

Página inicial
Sobre
Fotos
Vídeos **LIVE**
Youtube
Notícias
Jornal Sem Terra
Lutas e Conquistas
Eventos
Publicações
Notas
Comunidade
Criar uma Página

Organização política

Comunidade Ver tudo

👤 Convide seus amigos para curtir esta Página
👍 344.160 pessoas curtiram isso
📡 341.109 pessoas estão seguindo isso
👤 Liamara Guarda Finamor e outros 57 amigos curtiram isso

Sobre Ver tudo

✉️ Enviar mensagem
🌐 www.mst.org.br
📁 Organização política
✍️ Sugerir edições

Páginas curtidas por esta Página >

🌍 Unidade no Campo **Curtir**
🌍 Radio Mundo Real **Curtir**
🌍 Contag **Curtir**

Português (Brasil) · Português (Portugal) · English (US) · Español · Français (France) +

Fonte: PrintScreen da página do Facebook Movimento Dos Trabalhadores Sem Terra, 2018.

Imagem 5: Ocupação em Araçatuba, São Paulo. 32 comentários, 312 curtidas e 72 comentários coletado no período de pesquisa.

MST - Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
19 de abril · 🌐

RESISTÊNCIA | Confira como foi o segundo dia de ocupação do MST na fazenda de Oscar Maroni

Desde a terça-feira (17), o MST ocupa a fazenda Santa Cecília, propriedade do aliciador Oscar Maroni localizada no município de Araçatuba (SP).
Hoje (quarta-feira 18), dezenas de pessoas se somaram à ocupação, já são mais de 350 sem terras na ação que seguem denunciando os crimes de Maroni, muitos cometidos dentro da fazenda.
O dia também foi de muito animação para a brigada de agitação e propaganda, que decorou os espaços do acampamento e as cercas da fazenda com faixas e pinturas que trazem a mística da luta das mulheres sem terras e denunciam a paralisação da Reforma Agrária no estado.
No período da tarde, o acampamento recebeu a visita solidária de organizações como o Sindicato dos Ferrovirários, o Partido dos Trabalhadores e o Sindicato dos Pensionistas.
Adel Daher, diretor do Sindicato dos Ferrovirários, fala em apoio à ocupação.
📷 Coletivo de Comunicação MST-SP

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar 📷

👍❤️👍 312 Mais relevantes ▾

72 compartilhamentos 32 comentários

MST - Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
@MovimentoSemTerra

Página inicial
Sobre
Fotos
Vídeos **LIVE**
Youtube
Notícias
Jornal Sem Terra
Lutas e Conquistas
Eventos
Publicações
Notas
Comunidade
Criar uma Página

Organização política

Comunidade Ver tudo

👤 Convide seus amigos para curtir esta Página
👍 344.167 pessoas curtiram isso
📡 341.107 pessoas estão seguindo isso
👤 Liamara Guarda Finamor e outros 57 amigos curtiram isso

Sobre Ver tudo

✉️ Enviar mensagem
🌐 www.mst.org.br
📁 Organização política
✍️ Sugerir edições

Páginas curtidas por esta Página >

🇧🇷 LULA PT - Partido do... **Curtiu** ▾
🇧🇷 Justiça para Felisbu... **Curtir**
🌍 Radio Mundo Real **Curtir**

Português (Brasil) · Português (Portugal) +

Fonte: PrintScreen da página do Facebook Movimento Dos Trabalhadores Sem Terra, 2018.

Imagem 6: Ocupação em Araçatuba, São Paulo 25 comentários, 312 curtidas e 72 compartilhamentos coletados no período de pesquisa.



Fonte: PrintScreen da página do Facebook Movimento Dos Trabalhadores Sem Terra, 2018.

Na imagem 7 o movimento apresenta uma publicação de divulgação de um Ato Político na ocupação “Marielle Vive”, localizada na cidade de Valinhos, São Paulo. A ocupação é uma forma de memória e manifesto para a vereadora Marielle Franco, assassinada em 14 de março de 2018 na cidade do Rio de Janeiro, e o ato político cumpre o objetivo de debater e denunciar todas as formas de exploração contra os trabalhadores e trabalhadoras do país.

Imagem 7: Ato político em defesa de Marielle Franco. 25 comentários, 178 curtidas e 51 compartilhamentos coletados no período de pesquisa.



Fonte: *PrintScreen* da página do Facebook Movimento Dos Trabalhadores Sem Terra, 2018.

Assim como em outras publicações, o MST procura visibilizar suas lutas e deixar seus seguidores informados sobre os acontecimentos que envolvem o movimento. É o que podemos notar na imagem 8, onde a publicação é uma forma de repúdio contra latifundiários que ameaçaram os assentados em uma ocupação no norte de Minas Gerais. Na publicação, os assentados reforçam a necessidade da reforma agrária e a segurança por parte do Estado.

Imagem 8: Ocupação MST no Norte de Minas. 26 comentários, 96 curtidas e 20 compartilhamentos coletados no período de pesquisa.



Fonte: *PrintScreen* da página do Facebook Movimento Dos Trabalhadores Sem Terra, 2018.

Nas últimas duas imagens (9 e 10), as publicações são referentes ao acampamento Lula Livre, na praça dos Três Poderes em João Pessoa, Paraíba, e em Brasília. Os acampamentos são uma forma de demonstrar apoio e defender o expresidente Lula, que se encontra preso em Curitiba.

Imagem 9: Acampamento MST na praça dos Três Poderes em João Pessoa, Paraíba. 22 comentários, 99 curtidas e 24 compartilhamentos coletados no período de pesquisa.

MST - Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
19 de abril · 🌐

🚩 Cerca de 400 famílias seguem acampadas na praça dos Três Poderes em João Pessoa.

Na noite de terça-feira (17), trabalhadores sem terra marcharam de Bayeux à João Pessoa e deram início a ocupação Lula Livre para pressionar o poder judiciário e mostrar aos trabalhadores da cidade as razões de estarmos em defesa da liberdade do presidente Lula.

A Frente Brasil Popular, Frente Povo Sem Medo e outros movimentos como o Levante Popular da Juventude e a UJS também somam na ocupação que está em seu segundo dia.

A ocupação já possui uma programação cultural e de debates.

Nesta quinta-feira, 19, haverá pela manhã a distribuição do Brasil de Fato em diversos pontos da cidade, aqueles que querem contribuir se concentrarão às 08:00h no acampamento.

Já a tarde, às 14h, a Jornada Universitária em defesa da Reforma Agrária fará sua abertura com o tema "Jornada Nacional de Lutas"

Às 17h os índios Tabajarás estarão presentes mostrando o Toré, tradicional manifestação cultural.

Por fim, no turno da noite haverá um cine debate com o tema "Feminismo e Agroecologia", com a professora Nivea Pereira.

A ocupação também conta com a barraca de produtos vendidos pelo coletivo de Juventude do MST-PB.

Ao longo do dia também estarão acontecendo outros encontros e espaços de cultura.

👉 Lutar, construir reforma agrária Popular!

MST - Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
@MovimentoSemTerra

Página inicial
Sobre
Fotos
Vídeos LIVE
Youtube
Notícias
Jornal Sem Terra
Lutas e Conquistas
Eventos
Publicações
Notas
Comunidade
[Criar uma Página](#)

Organização política

Comunidade Ver tudo

- Convide seus amigos para curtir esta Página
- 344.188 pessoas curtiram isso
- 341.108 pessoas estão seguindo isso
- Liamara Guarda Finamor e outros 57 amigos curtiram isso

Sobre Ver tudo

- Enviar mensagem
- www.mst.org.br
- Organização política
- Sugerir edições

Páginas curtidas por esta Página

- Contag Curtir
- Via Campesina Curtir
- Via Campesina Curtir

Português (Brasil) · Português (Portugal) · +

Fonte: PrintScreen da página do Facebook Movimento Dos Trabalhadores Sem Terra, 2018.

Imagem 10: Transmissão ao vivo: acampamento Lula Livre, Brasília. 24 compartilhamentos, 202 curtidas e 57 compartilhamentos coletados no período de pesquisa.

Acampamento Lula Livre em Brasília

MST - Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
há ± 2 meses · 🌐

🚩 Acampamento Lula Livre - Brasília
Ver mais

👍❤️🔥 216 58 compartilhamentos 2,5 mil visualizações

Curtir Comentar Compartilhar 🌐

Comentários A seguir

Comentários (31) Mais relevantes

- Lucas Tiago Souza Lula tá dando exemplo de superação a nação... 6 dias sem roubar 🙏🙏🙏🙏🙏🙏🙏🙏
Curtir · Responder · 7 sem
- Wander Oliveira Maia BOLSONARO PRESIDENTE no primeiro turno
Curtir · Responder · 8 sem
- 1 resposta
- Danilo da Fonseca Parabéns! 🙏🙏🙏🙏🙏🙏
Escreva um comentário...

Curtir Comentar Compartilhar

Fonte: PrintScreen da página do Facebook Movimento Dos Trabalhadores Sem Terra, 2018.

Após ilustrarmos as reportagens filtradas e contextualizarmos a natureza de suas produções, iremos analisá-las e investigar as práticas de cidadania comunicativa. A análise aprofundada encontra-se no capítulo 4 desta monografia.

3.3.2 Pesquisa sistemática com os sujeitos

A pesquisa sistemática com os sujeitos é de relevância para cumprir os objetivos da pesquisa, pois acreditamos que através da análise das interações, do diálogo, do embate, da comunicação mais horizontalizada, da possibilidade de dar voz aos sujeitos, podemos pensar e analisar com mais profundidade a efetivação da cidadania comunicativa.

Para essa etapa, coletamos nas dez publicações filtradas na pesquisa exploratória sujeitos que mais participam das publicações, tanto com comentários contra ou a favor do movimento, buscamos elencar aqueles que contribuem com comentários significativos e os que buscam dialogar com os demais participantes. Através disso, entramos em contato com os sujeitos pela plataforma do Facebook sugerindo a participação no questionário.

O questionário online¹⁵ foi dividido em dois eixos: identificação dos sujeitos e o eixo de identificação das práticas de cidadania comunicativa, as questões que foram abordadas nos eixos podem ser encontradas no apêndice C. Para coleta das informações, disponibilizamos o questionário para os usuários filtrados durante uma semana (13/06/2018 a 20/06/2018). Utilizamos de estratégias de envio, identificadas no primeiro contato com os sujeitos, como horário de maior pico de respostas e horário com maior retorno dos usuários. A partir disso, reenviamos o questionário em horários estratégicos para obter o máximo de respostas possíveis. Com essas estratégias adotadas, alcançamos o número de 26 respostas, que serão analisadas e estudadas no próximo capítulo do trabalho, dedicado às movimentações analíticas.

¹⁵Disponível no Apêndice C da monografia.

4 MOVIMENTOS ANALÍTICOS: ENTRELACEMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Neste capítulo apresentamos as análises elaboradas a partir dos movimentos teórico-metodológicos inaugurados pela pesquisa exploratória e pesquisas sistemáticas, realizadas junto às postagens do MST em seu site e página do Facebook. Recuperamos aqui a sistematização dos dados já realizada no item 3.2 e 3.3 (pesquisa exploratória e pesquisa sistemática) que guiaram o desenvolvimento do restante da pesquisa à página do Facebook do movimento. Nessa movimentação, aprofundamos o entendimento junto às categorias criadas para análise das postagens da página do Facebook do movimento.

Na sequência, traçamos paralelos teórico-metodológicos das movimentações feitas na pesquisa sistemática com os sujeitos partícipes da página investigada. Nestas movimentações analíticas buscamos tensionar a questão-problema norteadora desta pesquisa, relacionando os eixos teóricos com os dados empíricos coletados, organizados e sistematizados.

Procuramos, ainda, debater, juntamente com os pensadores teóricos que nos acompanham nesta monografia, como as mídias digitais podem ser potencializadoras de práticas cidadãs no horizonte da comunicação contemporânea; como a noção tradicional de movimentos sociais evolui, no atual contexto da comunicação e diante de nosso objeto de estudo, para *movimentossociocomunicacionais*; e, por fim, as maneiras pelas quais o movimento estudado efetiva práticas cidadãs relacionadas à comunicação em sua página do Facebook, procurando oferecer ao campo de estudos da comunicação um entendimento atualizado sobre a noção de cidadania comunicativa.

4.1 Página do Facebook do Movimento Sem Terra: aproximações às práticas de cidadania comunicativa

A partir da pesquisa sistemática das produções na qual apresentamos os *PrintScreends* reportagens coletadas e filtradas na pesquisa exploratória e que foram elencadas para a pesquisa sistemática, neste eixo iremos analisar se as postagens

demonstraram que o MST efetiva práticas de cidadania comunicativa em sua página no Facebook.

Retomando as reflexões teóricas acerca da cidadania comunicativa, compreendemos que o conceito é baseado na capacidade de participação e acesso das classes subalternas aos meios de comunicação, assim como também a oportunidade de interação, embate e diálogo proporcionado por esses veículos comunicacionais.

Almeida, Guindani e Morigi (2010) interpretam primeiramente o conceito de cidadania, que se refere ao processo de lutas e práticas que possibilitam o sujeito a se tornar cidadão, possuindo oportunidades de questionar e interferir formas de ordenamento da sociedade, debater demandas por direitos, e assim participar efetivamente do contexto social que o rodeia. Para complementar essa argumentação, Wottrich (2013) parte da reflexão de Monje(*et.al*, 2009), em parte que os autores acreditam que a cidadania comunicativa surge do reconhecimento que o sujeito adquire da sua capacidade de se tornar sujeito de direito e de demanda no contexto da comunicação, assim como a possibilidade de exercício deste direito. Os autores ainda complementam que a comunicação é construtiva da cidadania, sendo que o espaço público comunicacional proporciona ações aos sujeitos e se torna palco de construção e partilha de demandas e direitos.

Fazendo esta retomada das noções de cidadania comunicativa, podemos analisar com maior profundidade os materiais coletados nos arranjos metodológicos citados anteriormente. Através das publicações coletadas, conseguimos identificar algumas demonstrações das práticas de cidadania comunicativa, como por exemplo nas estratégias de transmissões ao vivo da página. Através desta estratégia, o movimento consegue interagir em tempo real com os sujeitos que estão dispostos a participar do vídeo, promovendo diálogo e discussão dos temas abordados no momento. Ressaltamos também, que este método está aberto para qualquer público, podendo alcançar públicos de diversos perfis e ideais, proporcionando uma diversidade de entendimentos e pontos de vistas, tanto para quem somente acompanha, como para quem participa efetivamente das publicações.

Assim como nas transmissões ao vivo, no restante das publicações da página do MST também conseguimos destacar essas possibilidades de interação dos sujeitos. A capacidade de comentar, argumentar, curtir, compartilhar e personalizar as publicações, torna a página mais interativa e sujeita a novas ideias e aprendizagens, junto aquelas pessoas que fazem parte deste universo. Essas possibilidades estão dispostas na página, são aproveitadas com todas as potencialidades pelos sujeitos participantes, a partir das possibilidades que eles têm. Porém

notamos que o MST utiliza pouco dessas ferramentas de diálogo direto com os seguidores, subordinando essas potencialidades apenas para os partícipes.

Para os autores Nascimento e Rosa (2012) as minorias que antes não tinham formas de garantir sua visibilidade na mídia hegemônica, rompem com esse contexto no cenário da web 2.0, pois a partir disso muitos têm ao seu alcance maneiras de gestão da comunicação de sua comunidade. Por meio das mídias alternativas, como por exemplo as redes sociais, é possível visibilizar as realidades comunitárias que até então só ganhavam espaço na mídia hegemônica em pautas de violência. O MST se adequa à essa reflexão, onde podemos analisar em suas publicações na sua rede social Facebook, formas de mostrar à sociedade suas lutas diárias e pautas do movimento que são barradas na mídia hegemônica, como por exemplo temáticas ligadas aos acampamentos Lula Livre, atos em defesa à Marielle Franco, e até mesmo aquelas ligadas aos acampamentos Sem Terra. O movimento conseguiu garantir através dessas publicações uma visão diferente do que se passa na mídia tradicional, viabilizando através disso o direito de os cidadãos garantirem sua cidadania comunicativa e participarem da criação e participação de conteúdos midiáticos.

Ao analisar a página reconhecemos que as práticas de cidadania comunicativa não se dão de forma integral, pois através de nossa pesquisa empírica constatamos a carência em relação ao diálogo direto da página juntamente com os sujeitos participantes. Acreditamos que a página do Facebook tem potencialidades a serem instigadas para efetivar as práticas de cidadania comunicativa, assim como um espaço de diálogo direto com os partícipes, sessão apenas para dúvidas e questionamentos, ou até transmissões ao vivo semanais voltadas ao contato com os sujeitos. Através dessas práticas, acreditamos que a cidadania comunicativa poderia se dar de forma completa na página do Facebook do MST, pois através delas, garantiria o direito de os sujeitos questionarem e debaterem efetivamente com a página, colocando em prática seus princípios como cidadãos.

4.2 Sujeitos partícipes da página do Facebook do MST: análise descritiva da pesquisa sistemática

Aqui, nos debruçamos para descrever os resultados coletados junto à pesquisa sistemática com os sujeitos partícipes da página do MST no Facebook. Os procedimentos

metodológicos adotados, os critérios de escolha da amostra, os processos de construção do instrumento de coleta de dados e outras questões de ordem metodológica encontram-se detalhadas no capítulo 3 desta monografia.

Vale lembrar que esta coleta de dados se deu a partir da utilização de um questionário online, cujas questões encontram-se dispostas no Apêndice C. Para melhor desenvolvimento da análise, foram consideradas as respostas que efetivamente corroboravam para responder à problemática de pesquisa. Para isso, selecionamos as respostas que continham melhor desenvolvimento e possibilidades de aproveitamento sobre as argumentações realizadas pelos respondentes.

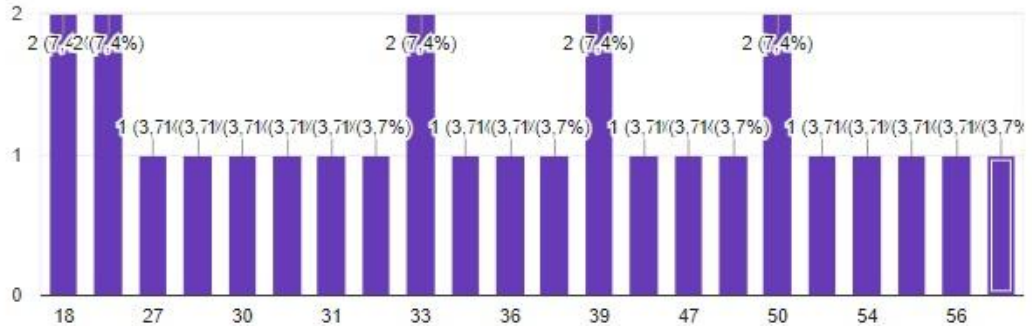
É importante que se demarque que alguns cuidados éticos foram tomados referentes à coleta dos dados junto aos sujeitos. Comprometemo-nos, desde o início da coleta em preservar a identidade dos respondentes, não associando seus nomes e perfis do Facebook com as respostas oferecidas à esta pesquisa, como consta, inclusive, na apresentação de nosso questionário online (Apêndice C). Assim, a partir deste tópico analítico e nos demais seguintes, as citações diretas dos respondentes (originárias do questionário online) são relacionadas a caracteres do alfabeto (respondente A; respondente B; e assim por diante).

A partir da pesquisa sistemática realizada junto aos sujeitos participantes da página através do questionário online gerado pelo “Google Forms”, conseguimos nos aproximar de maneira mais efetiva às respostas para as perguntas que norteiam o trabalho. Como primeira parte do questionário, optamos por buscar identificar os sujeitos participantes da pesquisa. Os 27 respondentes se dividem entre os 18 e 72 anos, conforme gráfico apresentado a seguir.

Gráfico 1: Idade dos respondentes

Idade

27 respostas



Fonte: Pesquisa sistemática com os sujeitos, 2018.

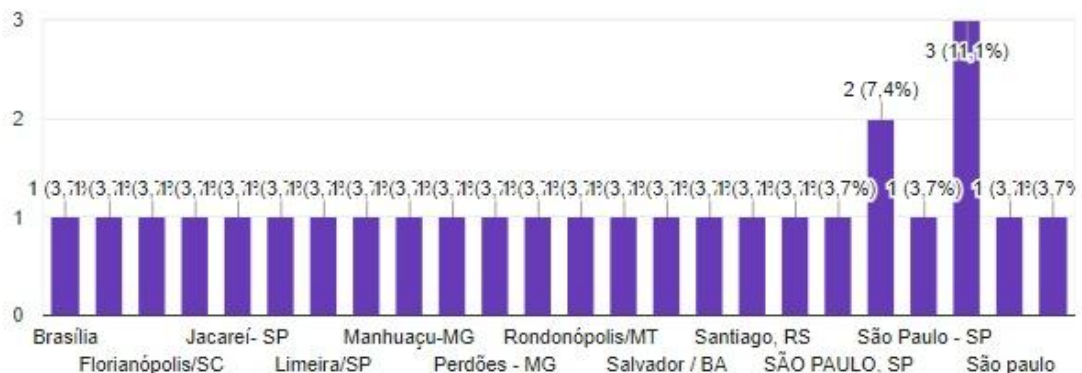
Referente a este gráfico, podemos interpretar que sujeitos de variadas faixas etárias tem acesso à página do MST, possibilitando à página as contribuições de pessoas de distintas idades e vivências de vida.

De acordo com as respostas obtidas, as localizações dos respondentes são distribuídas pelo território nacional entre o Distrito Federal, São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Bahia, conforme podemos acompanhar no gráfico seguinte:

Gráfico 2: Cidade/Estado dos respondentes

Cidade/Estado

27 respostas



Fonte: Pesquisa sistemática com os sujeitos, 2018.

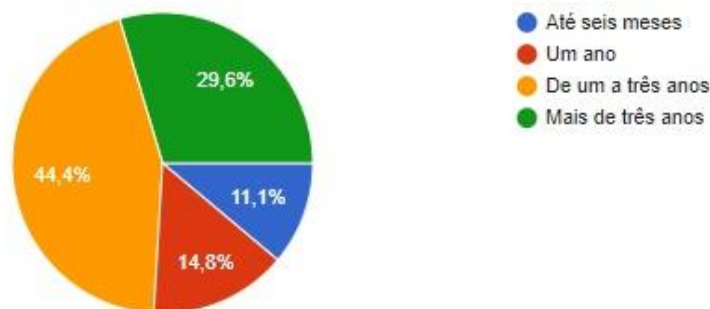
Esse perfil de sujeitos apresentados nos gráficos 1 e 2 nos apresenta uma representação heterogênea de sujeitos participantes da página. Devido a isso, as respostas e interações na página serão variadas de acordo com a região de cada partícipe, o que contribui tanto para a página frente aos seus objetivos de comunicar ações relacionadas à luta pela terra; luta pela reforma agrária e luta por uma sociedade mais justa e fraterna, conforme a apresentação da própria página no Facebook. Quanto ao que se refere a nossa pesquisa, onde o perfil heterogêneo dos respondentes contribui para que as respostas construídas à problemática de pesquisa se aproximem das realidades que transitam na página investigada e nos processos comunicativos dos sujeitos junto à ela.

Após reunirmos informações pertinentes, e que corroboram para um entendimento e formação de um perfil dos respondentes que participaram de nossa pesquisa, apresentamos, a seguir, os resultados coletados junto às questões direcionadas à página do MST no Facebook. Primeiramente, buscamos analisar o tempo que os sujeitos participam/acompanham a página. Foi possível visualizar que 44% dos entrevistados interagem na página de um a três anos, 29,6% a mais de três anos, 14,8% um ano, e 11% até seis meses, conforme pode ser visualizado no próximo gráfico.

Gráfico 3: Tempo de acompanhamento/participação na página

Há quanto tempo, aproximadamente, você curte/acompanha a página do MST no Facebook?

27 respostas



Fonte: Pesquisa sistemática com os sujeitos, 2018.

A partir desse gráfico conseguimos ter um conhecimento do tempo de interação dos sujeitos participantes da página, através dele podemos notar um tempo de participação equilibrada entre os respondentes. Considerando que a coleta de dados ocorreu em tal período

(13/06/2018 a 20/06/2018), era importante que os respondentes mantivessem uma participação junto à página correspondente ao período de tempo considerado da pesquisa.

Através deste tópico de identificação podemos conhecer e nos aproximar com mais clareza e detalhamento dos sujeitos que interagem na página, por conta disso, conseguimos analisar que os sujeitos participantes da página possuem um perfil heterogêneo, cada um com suas peculiaridades de acordo com sua região e idade, agregando, conseqüentemente, para os debates da página, quanto para nossa pesquisa.

Após descrevermos o perfil dos sujeitos respondentes do nosso questionário online, iremos no próximo eixo, partir para a análise das potencialidades das mídias digitais encontradas no Facebook do Movimento Sem Terra, buscando conectar nossas pesquisas empíricas com as teorias estudadas e apresentadas no capítulo 2 desta monografia.

4.3 Mídias digitais e suas potencialidades no Facebook do Movimento Sem Terra

Recuperando as reflexões teóricas desenvolvidas em nossa pesquisa, neste capítulo iremos buscar responder a nosso problema de pesquisa, que consiste na pergunta central: de que modo o movimento sociocomunicacional MST efetiva as práticas de cidadania comunicativa em sua página no Facebook?

Para isso, recuperamos as respostas coletadas no questionário online com os sujeitos participantes da pesquisa, flexionando as mesmas à luz dos preceitos teóricos que norteiam a investigação.

Para isso, optamos por seguir a linearidade contida em nosso capítulo teórico. Desse modo, nossa primeira movimentação analítica considera os pressupostos teóricos contidos no eixo dedicado a debater sobre as mídias digitais e suas potencialidades frente ao exercício e conquista cidadã. A partir dessa movimentação, conseguimos ter uma noção mais ampla sobre as peculiaridades e características da plataforma Facebook. Também, através da pesquisa sistemática com os sujeitos podemos encontrar essas características presentes em algumas respostas oferecidas pelos próprios respondentes.

Compreendemos, inicialmente, que os movimentos sociais precisaram tomar outros rumos na sua organização comunicacional para garantir e assegurar seus direitos. Com a utilização das redes sociais, em especial do Facebook, objeto estudado, podemos notar novas estratégias de manter essa visibilidade no Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. Uma das ferramentas da página é a forma de interação sem filtros, podendo qualquer usuário comentar, curtir ou compartilhar as publicações, proporcionando o diálogo e embate aos sujeitos. Essa percepção é delineada por Castells (2013) e Gohn (2011), quando analisam a evolução dos movimentos sociais ditos “tradicionais” para renovadas configurações, mais recentemente entendidas como sociocomunicacionais.

Corroborando com esse pensamento, o respondente F acredita que o método de interação é importante pois além disso, também “ajuda a divulgação do movimento”. De maneira semelhante, o respondente M complementa dizendo que o Facebook é um “estímulo para a causa que defendem”.

Castells (2013) acredita que os movimentos sociais além de locais, são também globais, pois podem se conectar ao resto do mundo, aprender novas experiências e muitas vezes são estimulados por essas experiências a se envolver na sua própria mobilização.

Analisando os resultados do questionário, compreendemos também que a rede social analisada é capaz de unir diversas opiniões e visões divergentes, proporcionada pela possibilidade de diálogo oferecida na página.

Na questão que procurava conhecer se os participantes já aprenderam ou ensinaram algo novo a partir de suas interações com a página, 7 respondentes dissertaram que não; enquanto que 14 sujeitos, ou seja, o dobro, comentaram que a ferramenta de comentários já serviu para alguma aprendizagem. Nessas potencialidades de interação dos sujeitos, Santana *et al* (2009, p. 340) alega que “o fato de poderem abranger qualquer assunto ou permitir trocas em esferas que fogem do contexto de trabalho aproxima essa tecnologia do cidadão comum contribuindo para sua socialização”.

O respondente G argumenta que “procuro expor o meu posicionamento a respeito do tema em debate. Sempre há o que aprender quando se dialoga”. Outro respondente, identificado como respondente N, afirma que a página do MST, através do seu conteúdo, possibilita a troca de experiências e conhecimentos. Segundo suas respostas, foi através da página que conseguiu aprender e ter acesso a diferentes visões da realidade campesina, ações do movimento, como também, abordagens políticas e sociológicas.

A página do MST, através de seu conteúdo, possibilita a troca de experiências e conhecimentos. Claro que muito mais aprendi e tive acesso a diferentes percepções da realidade de vida campesina, de ações do movimento, abordagens políticas e sociológicas do que pude ensinar algo. (RESPONDENTE N, 2018).

Analisando as respostas contrárias, e que davam conta de que a página analisada não proporcionou aprendizados e trocas de conhecimentos sobre as temáticas divulgadas, notamos a inexistência de respostas que argumentassem sobre esse não-aprendizado, sendo compostas por textos curtos, com ausência de argumentações persuasivas, como por exemplo: “do MST nunca, sou contra”; “não”; “não há diálogo”.

Frente às respostas desta natureza coletadas junto à esta questão conseguimos inferir que a página e as postagens do MST são importantes e necessárias para a criação de diálogo, desenvolvimento e disseminação de novos ideais. Esse aspecto também confirma a nossa ideia da potencialidade da página como fonte de uma comunicação interativa, não submetida à hierarquias mais tradicionais (ou, como temos chamado em nosso trabalho – hegemônicas) e que são adotadas em outras mídias.

A natureza interativa da plataforma Facebook tende a ser mais aberta e horizontal, o que acaba por possibilitar a participação daqueles sujeitos que fazem parte da página. Isso

propicia, inclusive, a co-existência, em um mesmo espaço, de sujeitos cujos ideais, formações, noções e intenções de mundo são completamente distintas. Tanto usuários pró-MST quanto contrários ao movimento, tem a possibilidade de visualização, interação, diálogo e embate. Evidentemente, essa convivência não é harmoniosa e livre de disputas (tanto de espaço quanto de reconhecimento). Ainda assim, reconhecemos que é somente através desse encontro, ainda que conflituoso, que inteligibilidades distintas podem confluír e produzir renovados entendimentos sobre o mundo e sobre questões pertinentes às áreas trabalhadas na página em questão. Complementando essa afirmação, apresentamos a reflexão de Moraes (2000), onde o autor acredita que esse espaço virtual trata-se de um ambiente de conhecimentos múltiplos, que liga forças e interesses contraditórios. Sendo então, um espaço significativo para o exercício da cidadania.

No questionário online, foram elaboradas duas questões de natureza avaliativa. Em ambas os sujeitos respondentes eram convidados a dar uma nota de 0 a 10. Na primeira questão, os respondentes deveriam avaliar as interações estabelecidas dentro da página estudada. Já na segunda questão, a nota correspondia às publicações da página. Verificando a questão sobre as notas referentes às interações da página nos deparamos com dois extremos de notas. Foram coletadas seis notas 10; e seis notas 0. As demais notas continham avaliação acima de 5. Nem todos respondentes avaliaram a página. Dos 27 respondentes da pesquisa, três argumentaram que não conseguiam fazer a avaliação por nota. Somando as notas atribuídas às interações da página e fazendo uma média entre elas, a partir da fala dos sujeitos participantes da pesquisa, as interações realizadas na página receberam a nota média de 5,8.

Esta nota média atribuída às interações da página é compreendida pelas respostas coletadas junto aos respondentes. O respondente O argumenta que a página sofre da ausência da intermediação direta com os sujeitos participantes: “praticamente não visualizo interação dos administradores seja para intermediar alguma discussão ou para intervir em casos de agressões entre participantes com opiniões diferentes”, nessa mesma circunstância, o respondente N, comenta que “os administradores da página não costumam interagir muito com o usuário. Ou quando o fazem demoram muito tempo”. O respondente L, com sua nota 8, acredita que “sempre se pode aprofundar mais algumas temáticas, embora entenda que as vezes é preciso ir de forma lenta e gradual. ”

Na segunda questão avaliativa, os respondentes qualificavam de notas de 0 a 10 as publicações da página do Facebook e as temáticas por ela abordadas. Em relação à questão anterior, sobre a avaliação das interações estabelecidas, coletamos notas mais altas, com

apenas cinco notas zero, uma nota cinco, sete notas 10 e o restante todas acima de sete, totalizando entre as respostas, a nota média 6,75.

Podemos constatar através dessas respostas o melhor aproveitamento das potencialidades de publicação, sendo uma ferramenta importante para a visibilidade da página. O respondente F comenta que “as publicações são muito boas, há bastante informação, com fonte própria ou outras boas fontes”. O respondente O complementa a resposta anterior afirmando que “gosto da página do MST pela abordagem e posicionamento firme e profundo. As publicações têm uma boa frequência e me mantêm bem informado”. Porém, apesar da maioria das respostas serem positivas, o sujeito K, declara que as publicações deveriam ser mais imparciais. Nesse mesmo contexto, o respondente W, menciona que a página “vem se tomando um viés mais político que ideológico. Pouco se fomenta a agricultura familiar ou se busca esclarecer a necessidade da reforma agrária”.

Ao analisarmos as repostas referentes a este eixo, acreditamos que as potencialidades das mídias digitais são importantes e essenciais para o exercício da cidadania comunicativa se bem aproveitadas. Reconhecemos também, através das respostas coletadas e de nossas análises, que as publicações da página são completas de conteúdo e bem produzidas, porém as demais potencialidades dispostas no Facebook podem ser melhores aproveitadas pelos administradores da página, sendo essas importantes para as práticas da cidadania comunicativa. Porém, também acreditamos que para a visibilidade do movimento, qualquer ferramenta utilizada das mídias digitais, em especial do Facebook, é importante para a garantia da voz do movimento social nos meios de comunicação, e que o processo de acesso e utilização dos meios digitais se dá de forma gradativa, de acordo com as particularidades de cada movimento.

No próximo eixo de análise, iremos apresentar nossas ponderações sobre os movimentos sociais e sociocomunicacionais relacionados às nossas análises do questionário online aplicado aos sujeitos participantes da página do Facebook do Movimento Sem Terra.

4.4 Dos movimentos sociais aos sociocomunicacionais

Neste eixo de análise, investigamos as características dos movimentos sociais e sociocomunicacionais e que podem ser relacionadas ao Movimento dos Trabalhadores Sem

Terra, utilizando as respostas coletadas no questionário online, relacionando ao conjunto teórico construído ao longo do trabalho de pesquisa.

Recuperando elementos de nossa movimentação teórica, entendemos que movimentos sociais são todos aqueles grupos sociais com características emancipatórias que se unem para expressar suas demandas, no caso do MST, exemplificamos a demanda da Reforma Agrária. Gohn (2011, p. 336) acrescenta que “os movimentos realizam diagnósticos sobre a realidade social, constroem propostas. Atuando em redes, constroem ações coletivas que agem como resistência à exclusão e lutam pela inclusão social”.

Levando em conta esse contexto dos movimentos sociais, evidenciamos que suas demandas precisam atingir a sociedade de uma forma integral, por conta disso, a utilização somente dos meios de comunicação tradicionais (rádio, jornal impresso) não daria conta das reivindicações. Para isso, o MST produz e luta por uma comunicação sem hierarquias, independente, com pautas coerentes sobre a imagem do movimento. Essas características, apresentam o MST como um movimento sociocomunicacional, pois depende de uma organização comunicacional para abranger suas lutas para o restante da sociedade.

Neste ambiente dos meios de comunicação hegemônicos brasileiros, os movimentos sociais, assim como o MST, não possuem acesso e visibilidade de suas reivindicações, e quando possuem este acesso, são vistos de maneira marginalizada e negativa. Em nosso questionário online, notamos a certificação desta premissa quando o respondente E comenta: “a mídia distorce informação, omite informação, usa de recursos para criminalizar não só o MST, mas qualquer iniciativa de avanço social”, o respondente N, contribui nesta questão acrescentando o motivo de seguir a página no Facebook:

Existe ainda hoje uma grande discriminação em relação ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra por grande parte da mídia oligopólica de nosso país. Sigo a página do MST justamente para poder ter uma noção verdadeira e bem posicionada da realidade do movimento e outros movimentos sociais. As publicações da página conseguem expressar a prática e veracidade do que realmente acontece nos grotões de nosso país, enquanto a grande mídia golpista “tapa o sol com a peneira”, defende ruralistas assassinos, grileiros, latifundiários improdutivos, madeireiros ilegais, corporações internacionais que devastam o meio ambiente, agrotóxicos e venenos de toda sorte que são lançados diretamente sobre os alimentos que consumimos sem fiscalização (RESPONDENTE N, 2018).

Essas problemáticas também certificam de caracterizarmos o MST como um movimento sociocomunicacional, pois só através do melhor aproveitamento das potencialidades dos meios de comunicação independentes ele consegue garantir sua voz e credibilidade. O respondente L complementa nossa argumentação manifestando que:

Os movimentos sociais na atual sociedade brasileira vêm sofrendo diversas retaliações, e com aval da grande mídia temos a criminalização destes movimentos sociais, não só o MST, mas como muitos outros. As diversas manifestações realizadas pelo MST em sua página é uma maneira de evidenciar as lutas do movimento, as conquistas e também os atos atentatórios que estes sofrem pelo interesse do capital (REPONDENTE L, 2018).

Engelmann (2013) defende que a comunicação popular é desenvolvida através de uma característica emancipatória, em que o “povo” é o protagonista principal desse processo. Nele a mobilização política é utilizada pelas classes subalternas para expressar suas visões de mundo e para a busca de uma sociedade igualitária. Nesse ponto de vista, podemos caracterizar a comunicação do MST como autônoma, onde busca levar a pauta da Reforma Agrária e de seus assentados como assunto principal das matérias produzidas. O respondente R constrói a argumentação que caminha em proximidade às questões teóricas debatidas na monografia: “acho muito importante ler a narrativa feita pelo movimento (primeira pessoa). Também acho importante ler narrativas sobre o movimento através de outras mídias. O importante é relativizar a narrativa do ponto de vista de quem faz”. Esse processo que o respondente nos apresenta, mostra a importância do movimento produzir seus próprios conteúdos, pois através dessa produção é propiciado ao MST mostrar ao público sua voz e suas demandas de forma coerente de acordo com quem luta e com quem produz os conteúdos jornalísticos.

Através de nossas reflexões, compreendemos que os movimentos sociocomunicacionais estiveram presentes desde o início de lutas dos movimentos sociais. As estratégias comunicacionais sempre foram importantes para organização interna e visibilidade desses movimentos. Porém, com o ápice das mídias digitais e a falta de espaço nas mídias hegemônicas, esses movimentos sociais precisaram reorganizar-se e agir estrategicamente para garantir seu espaço comunicacional. Compreendemos o conceito de movimento sociocomunicacional, junto ao Movimento Sem Terra, movimento tradicional que sempre teve sua organização comunicacional própria, para sua organização e divulgação, e veio se adequando às mídias digitais para garantir esse espaço e continuar suas lutas pela reforma agrária.

Acreditamos que a forma de comunicação do movimento, sua organização e estratégias comunicacionais são fatores fundamentais para a conquista de seus direitos enquanto movimento que luta pela conquista cidadã de sujeitos e demandas subalternas. Mesmo com algumas falhas nesse processo, consideramos que qualquer estratégia comunicacional é válida ao movimento. É através da comunicação que o MST pode expressar ao restante da sociedade suas ações, debates, e destacar a imagem do movimento,

contrapondo o que é produzido pelos meios de comunicação hegemônicos. Nesse processo de garantia de sua visibilidade e acesso do povo assentado aos meios de comunicação, encontramos o exercício da cidadania e da cidadania comunicativa, que será abordado no próximo eixo de análise.

4.5 Cidadania e cidadania comunicativa

Aqui, finalizamos os eixos de análise buscando encontrar particularidades de cidadania e cidadania comunicativa no movimento sociocomunicacional em questão. Finalizamos o processo de análise fazendo o exercício de ligação das teorias aplicadas no trabalho junto à nossa pesquisa empírica.

Rezende e Neto (2001, p.4) refere o conceito de cidadania quando “um cidadão deve atuar em benefício da sociedade, bem como esta última deve garantir-lhe direitos básicos à vida, como moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, trabalho, entre outros”. Essas condições citadas pelos autores são direitos fundamentais à vida humana, porém, o fato de os cidadãos possuírem o direito às questões sociais e políticas, não os faz ter acesso a elas. Exemplificamos à questão comunicacional, onde todos devem ter acesso e ter visibilidade nos meios de comunicação, porém, o objeto está centrado apenas naqueles que tem condições de usufruí-las, excluindo o restante da sociedade. Abrimos a questão para nosso objeto de estudo, o fato do MST possuir seus próprios meios de comunicação, não assegura que os assentados tenham acesso a esses meios, pela dificuldade de acesso dos cidadãos.

O MST, como outros movimentos sociocomunicacionais, precisa utilizar dos meios de comunicação próprios e alternativos para garantir seu acesso aos meios comunicacionais, ou seja, é necessário agir de forma emancipatória para garantir direitos que deveriam ser fundamentais a qualquer cidadão. Devido ao caráter revolucionário dos movimentos sociais pela falta de evidência na mídia, a internet vem sendo ferramenta principal para garantia dos direitos dos assentados como cidadãos. O respondente Y complementa: “a página vem para desmentir algumas falácias que existem sobre o movimento. Eu acho ótimo esse poder que a internet tem. Se dependêssemos apenas das informações das grandes mídias, não conseguiríamos apoiar a maioria dos movimentos sociais”.

Como estamos vindo a debater ao longo do trabalho, as mídias digitais e suas diversas potencialidades, vem proporcionando aos movimentos sociocomunicacionais formas de

garantir suas conquistas cidadãs. Fonseca (2011, p.69), comenta que “com o processo acelerado da urbanização e constituição de uma sociedade de massa, o domínio dos meios de comunicação tornou-se elemento decisivo para a luta política e conseqüentemente para o exercício da cidadania”. Engelmann (2013), contextualiza esse exercício da conquista cidadã através dos meios de comunicação argumentando que a partir da década de 1990, com o desenvolvimento da tecnologia e da criação da rede mundial de computadores, a internet passa a apresentar-se como um veículo comunicacional importante, para a ampliação do diálogo com parte da sociedade. A autora defende também que “isso somente se torna possível quando esses segmentos sociais – que lutam por direitos sociais básicos, como a terra – logram obter o acesso à internet, para a manutenção de um portal online na rede e a produção de conteúdo para publicação nesse espaço” (ENGELMANN, 2013, p. 14).

Entendemos que a utilização do Facebook do MST para expandir sua voz e mostrar sua identidade cidadã é uma forma do movimento sociocomunicacional praticar a cidadania comunicativa. A possibilidade de ter o acesso e liberdade aos variados ambientes digitais, ser aberto ao diálogo, as interações e configurações dos usuários referentes às publicações jornalísticas, sem filtragem dos sujeitos participantes da página, é um direito cidadão, e deveria ser acessível a qualquer sujeito, independentemente de seus contextos sociais. Apesar do movimento ser praticante da cidadania comunicativa nos aspectos citados anteriormente, acreditamos que o acesso dos sujeitos, principalmente dos assentados, aos meios digitais ainda é insuficiente, não sendo coerente aos princípios cidadãos de uma sociedade.

Mata (2006, p. 13) contextualiza cidadania comunicativa como “*laciudadanía comunicativa implica el desarrollo de prácticas tendientes a garantizar los derechos en el campo específico de la comunicación. En ese sentido, la acción excede la dimensión jurídica y alude a la conciencia práctica, posibilidad de acción.*”¹⁶ Após os conceitos debatidos sobre cidadania comunicativa e complementando Mata (2006), acreditamos que a prática de cidadania comunicativa, além de exceder o campo jurídico, se dá de forma prática, de forma coletiva, através do nosso entendimento e reconhecimento de nossos direitos enquanto cidadãos, e o exercício deles. Praticar a cidadania comunicativa, além possuir acesso aos meios de comunicação, é ter esse acesso de forma igual ao restante da sociedade, sem filtros e hierarquias sociais e econômicas, é reconhecer esse direito cidadão, lutar, exigir e praticar uma comunicação democrática para toda a sociedade. Além de garantir a voz aos sujeitos, a

¹⁶ Tradução livre: A cidadania comunicativa implica o desenvolvimento de práticas tendentes a garantir direitos no domínio específico da comunicação. Nesse sentido, a noção ultrapassa a dimensão jurídica e refere-se à consciência prática, possibilidade de ação.

comunicação cidadã se compromete à empoderar os sujeitos comunicacionalmente, reconhecendo seus direitos e deveres enquanto cidadãos dentro de suas comunidades.

Voltando ao nosso objeto de estudo, acreditamos que o MST, através de suas publicações e práticas comunicacionais, traz à tona práticas de cidadania comunicativa, por mais que alguns aspectos sejam insuficientes, entendemos que o exercício desta prática é uma construção peculiar de cada movimento sociocomunicacional. O exercício de dar visibilidade às suas lutas, expressar a identidade do movimento e de seus sujeitos é relevante para o processo de efetivação da cidadania comunicativa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: PROPOSTAS PARA DEBATER O PROCESSO DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Através da construção desta monografia, acreditamos que desenvolvemos um trabalho pertinente e enriquecedor para pesquisadores e estudantes do campo da comunicação. Através de nossas argumentações e reflexões acerca do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, da problematização do conceito de movimentos sociocomunicacionais, reflexões sobre as práticas de cidadania comunicativa, conseguimos desenvolver um trabalho que promove o debate sobre a importância de pesquisar sobre estas linhas de estudo, principalmente se considerarmos o contexto social e político atual.

Consideramos que pesquisar e investigar sobre os conceitos abordados foi, também, uma forma de resistência ao contexto capitalista atual, que atravessa, inclusive, os grandes meios de comunicação que acabam por marginalizar, excluir e retirar os direitos de cidadãos das classes minoritárias. Acreditamos, também, que a pesquisa é pertinente para a conscientização de jornalistas e comunicadores, como também para o próprio MST, sobre as suas práticas comunicacionais, as potencialidades e as organizações comunicacionais que podem desenvolver de forma aprimorada.

Durante o processo de produção da pesquisa, conseguimos ampliar e aprofundar nossos conhecimentos sobre os conceitos investigados, o que nos possibilitou a destreza de argumentar e defender as discussões apresentadas no trabalho. Acreditamos que essa aprendizagem se deu por consequência dos nossos processos teóricos, ligados aos metodológicos, onde fundamentamos a pesquisa sempre buscando envolver a teoria com as análises empíricas, permitindo uma abertura de conhecimentos com mais facilidade, sempre ligando os argumentos teóricos ao nosso contexto concreto de investigação.

No processo de construção da parte teórica do trabalho, temos a consciência de que poderíamos apresentar mais contribuições em relação aos conceitos, pois uma pesquisa nunca se encontra finalizada. Acreditamos, ainda, que sempre há algo a mais para acrescentar. Porém, através do nosso movimento metodológico de pesquisa da pesquisa, fundamental para construção do referencial teórico, consideramos que alcançamos o objetivo de conceituar os principais temas abordados no trabalho com compreensibilidade. Entendemos que em um trabalho de pesquisa futuro, mais maduro e com maior tempo para os processos de investigação, poderemos desenvolver uma pesquisa com maior fundamentação teórica,

contribuindo, inclusive, para expandir os debates sobre os conceitos de movimentos sociocomunicacionais e de cidadania comunicativa, cujos desenvolvimentos apresentamos nesta monografia ainda de maneira embrionária.

Essa mesma atribuição se deu no movimento metodológico da pesquisa. Compreendemos que as metodologias construídas e aplicadas à investigação serviram para cumprir nossos objetivos propostos no início da monografia, porém, ao finalizar o trabalho, consideramos que poderia haver outros rumos e movimentos metodológicos para nortear nossa pesquisa, como uma possível entrevista de campo com os assentados, analisando de modo mais aprofundado a perspectiva da cidadania comunicativa e o acesso aos meios de comunicação diretamente dos assentamentos Sem Terra. Essa proposta metodológica deixamos em aberto para uma futura pesquisa nossa, como também, recomendamos para outros pesquisadores que se interessem por temática semelhante. Entendemos que a adoção desta estratégia metodológica poderá promover a abertura para um novo horizonte de pesquisa, mais amplo e com maiores possibilidades de compreensão sobre a conquista da cidadania comunicativa a partir de movimentos sociocomunicacionais.

Durante a trajetória de construção desta monografia, consideramos que a produção de conhecimento científico supriu nossas expectativas enquanto estudante de graduação do curso de Jornalismo. Através desse processo, tivemos a oportunidade de expandir os horizontes relacionados a outras esferas do jornalismo, como o jornalismo comunitário, popular, alternativo, a história dos meios de comunicação, a ampliação dos conceitos de cidadania, cidadania comunicativa e a compreensão das lutas do Movimento Sem Terra, assim como também, as peculiaridades da esfera digital, particularmente do Facebook e suas interações. É importante frisar que estas questões não são abordadas especificamente durante a graduação, por isso, avistamos no processo de elaboração da monografia a conquista de saberes que extrapolam a formação e os conhecimentos institucionais oferecidos pelo espaço universitário, o que contribui, inclusive, para a própria formação profissional e cidadã da estudante.

Ao retornar aos nossos objetivos gerais e específicos, acreditamos que conseguimos contemplar o que propomos ao início do trabalho. Porém, como já apresentamos neste eixo, a produção de conhecimento nunca será encerrada, então, acreditamos que poderíamos sim, aprofundar mais o trabalho nas questões teóricas, apresentando outros autores e outras reflexões, além da ampliação dos percursos metodológicos, como já argumentado.

Retornando, também, à nossa justificativa proposta no subcapítulo 1.2, mantemos a discussão apresentada e acrescentamos que estudar a cidadania comunicativa imbricada aos movimentos sociocomunicacionais é uma importante forma de praticar a cidadania e dar

visibilidade ao movimento Sem Terra. Através da produção desta pesquisa, podemos nos tornar cidadãos mais humanas, éticas e críticas, entendendo o contexto social e político que norteia nosso país desde o início dos movimentos sociais e sociocomunicacionais até hoje. Ressaltamos, também, nesse mesmo contexto, a importância de se estudar os meios de comunicação e entender como e por que a comunicação é entendida como um direito essencial e humano, devendo estar disponível para todos os sujeitos.

Analisando nossos resultados obtidos durante o percurso de pesquisa, como os dados obtidos nos movimentos metodológicos, e também os conhecimentos produzidos na parte teórica, voltamos à pergunta problema *“de que modo o movimento sociocomunicacional MST efetiva as práticas de cidadania comunicativa em sua página no Facebook?”*. Entendemos que nossos resultados obtidos respondem à pergunta central, de maneira clara e objetiva, proporcionando um conhecimento científico para possíveis pesquisadores na área, sobre o entendimento de conceitos apresentados ao longo do trabalho. Nesta oportunidade, entendemos também que a investigação de nossa problemática nos resultou o entendimento de como a cidadania comunicativa se dá na prática.

Sobre isso, é importante reiterar que as práticas comunicacionais avistadas junto à página do MST no Facebook e que podem ser problematizadas à luz da cidadania comunicativa demonstram um exercício parcial da cidadania comunicativa. Esse resultado obtido através de nossa pesquisa demarca questões pertinentes ao MST e a forma como produz e gerencia sua comunicação no referido espaço.

Complementarmente a isso, os resultados coletados, principalmente através da fala dos sujeitos partícipes da página, demonstram que a comunicação do MST não se dá de forma igualitária, pois notamos uma comunicação feita apenas para os seus pares, desconsiderando, em parte, que aquele espaço digital de comunicação pode ser e é visitado por pessoas distintas, que adentram as publicações com objetivos dos mais diversos. Compreendemos que no cerne das questões socialmente propostas e debatidas pelo MST, está, justamente, a explicitação de suas bandeiras de luta. Isso vai ao encontro com o que foi possível apontar em nossa investigação, onde notamos uma carência de espaços mais dialógicos, de fala mais próxima com os sujeitos partícipes e que têm diferentes visões de mundo. Essa incapacidade de comunicação com os sujeitos contrários ao movimento impede, em parte, que a página do MST promova debates capazes de legitimar suas pautas, tornando-a um espaço comunicacional restrito e com alguns cerceamentos no que tange a conquista da cidadania comunicativa.

As problemáticas apresentadas anteriormente abrem portas para outros tipos de pesquisas na área da cidadania comunicativa imbricada ao MST. Acreditamos que pesquisar neste campo de estudo é viável e de forte relevância tanto para pesquisadores, quanto para o próprio MST. Consideramos um estudo importante para o cenário político-social que se desenha, onde as minorias e os movimentos sociais tendem a sofrer represálias, perseguições e, no que toca nosso campo específico de estudo, censura em seus meios de comunicação.

Defendemos que é preciso lançar esforços investigativos sobre a comunicação comunitária e alternativa, resgatando suas práticas, conquistas e possibilidades de transformação socioeconômica, sociocultural e educacional. Desse modo, assim como qualquer estratégia comunicacional é importante para que os movimentos sociocomunicacionais garantam sua voz e sua visibilidade midiática e social, compreendemos que os estudos em torno dessa área também acabam por promover as ações destes movimentos, jogando luz sobre os mesmos e permitindo que seus funcionamentos sejam entendidos sob o prisma científico.

Chegando ao final de nossas considerações, a partir daqui nos permitimos mudar o tempo verbal e explicitar algumas de nossas conquistas junto à esta monografia em primeira pessoa.

Considero que esta monografia mudou o meu conceito de pesquisa científica, me fez observar a importância do estudo na área da cidadania comunicativa e a carência de pesquisas nessa área, principalmente aquelas ligadas ao movimento sociocomunicacional Sem Terra. Me fez, ainda, entender que a luta Sem Terra vai além de uma luta por redistribuição de terras, mas sim uma luta por conquista de direitos que já deveriam ser efetivados, tornando-a uma luta por cidadania. Além disso, passei a entender os movimentos sociais não apenas como movimentos que lutam por determinado direito, mas sim movimentos sociocomunicacionais que dependem de uma organização comunicacional para se desenvolverem; e que os mesmos lutam por diversos direitos de acordo com seus contextos sociais onde estão inseridos; além disso, a pesquisa me permitiu avistar a importância dos jornalistas e do seu trabalho para a organização e efetivação desses movimentos.

A partir da pesquisa, pude entender como funciona a produção de um trabalho científico, suas etapas e a importância de cada uma delas para a produção de uma pesquisa pertinente. Desde o momento de início de produção do trabalho, acreditava que teria dificuldades no seu processo de construção, porém, através dos movimentos metodológicos utilizados, em sua ordem, o processo de construção da pesquisa se tornou mais compreensível, transformando-o em uma prática de reflexão constante, repleta de idas e

vindas, a partir da qual pude me expressar enquanto estudante, jornalista, cidadã e pesquisadora em formação. Findada a pesquisa posso afirmar que o trabalho de produção de uma monografia pode sim ser uma etapa prazerosa, interessante e instigante aos estudantes de graduação, ampliando e complexificandoos conhecimentos adquiridos durante o curso de maneira crítica e intimamente relacionada com os entornos concretos nos quais os processos comunicacionais encontram-se, dentro do universo contemporâneo, imbricados.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cristóvão Domingos; GUINDANI, Joel Felipe; MORIGI, Valdir Jose. **A prática de cidadania comunicativa na experiência de rádio comunitária.** Compós, 2010.

ALMEIDA, Cristóvão; GUINDANI, Joel; MORRIGI, Valdir. A rádio comunitária como prática de cidadania comunicativa. **Revista Famecos**, v.18, n.3, set/dez. 2011. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/10391>>; Acesso em 16 maio 2018.

BONA, Nivea Canalli; CARVALHO, Guilherme Gonçalves. **Jornalismo Alternativo conceito atual, ambiência digital e a busca da cidadania comunicativa.** II Seminário de jornalismo e cidadania na hipermídia, Ponta Grossa, PR, Outubro, 2015.

BONIN, Jiani Adriana. Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação. **Revista Famecos**, v. 15, nº 37, dezembro, 2008. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4809>>; Acesso em 22 de maio de 2018.

BONIN, Jiani; SAGGIN, Livia. Perspectivas para pensar as inter-relações entre sujeitos comunicantes e mídias digitais na constituição de cidadania comunicativa. **Conexão – Comunicação e cultura**, v. 16, n. 32, jul./dez. 2017. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/5665>>; Acesso em 12 abril 2018.

CARTER, Miguel (org.). **Combatendo a desigualdade social. O MST e a Reforma Agrária no Brasil.** São Paulo: Editora UNESP, 2008.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança, movimentos sociais na era da internet.** Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet, reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – CPDOC – FGV. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/acervo/dhbb>>; Acesso em: 12 de dezembro de 2018.

ENGELMANN, Solange. **A página virtual do movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) como instrumento de contrainformação na luta político-ideológica pela Reforma Agrária**. Dissertação (Mestrado no Programa de pós-graduação em ciências sociais), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, 2013.

ENGELMANN, Solange; STUEBER, Ketlen; MORIGI, José Valdir. **Movimento dos trabalhadores rurais Sem Terra: representações sobre a terra e a produção de alimentos**. XIII Jornadas nacionales y X internacionales de investigación y debate. Sujetos sociales y territorios agrarios latino-americanos Siglos XX y XXI, Universidad Nacional de Quillmes, 2016.

FIGARO, Roseli. Paulo Freire, comunicação e democracia. **Comunicação e Educação**, v. 20, n.1, jan/jun, 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/96803>>. Acesso em: 5 de abril de 2018.

FILHO, Cyro de Barros Rezende; NETO, Isnard de Albuquerque Câmara. A evolução do conceito de cidadania. **Revista de Ciências Humanas**, v. 7, n.2, 2001. Disponível em: <<http://www.ceap.br/material/MAT16092013195054.pdf>>; Acesso em: 2 de maio de 2018.

FONSECA, Andre Azevedo da. A comunicação nos movimentos sociais: do panfleto de protesto à educação para a cidadania. **Revista espaço acadêmico**, v.11, n.126, novembro, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/12748>>; Acesso em: 5 de abril de 2018.

GUINDANI, Joel Felipe; ENGELMANN, Solange. A comunicação popular e alternativa dos Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra: história e contexto de uma luta contra-hegemônica. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v.1, n.1, 2012. Disponível em: <<http://www.ojs.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/3798>>; Acesso em:

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 47 maio/agosto, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>>; Acesso em: 3 de maio de 2018.

GOHN, Maria da Glória. **História dos movimentos e lutas sociais, a construção da cidadania dos Brasileiros**. São Paulo: Loyola, 2011.

Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/>>; Acesso em: 27 maio 2018.

JENKINS, Henry. **Cultura da conexão, criando valor e significado por meio da mídia propagável**. São Paulo: Aleph, 2014.

MATA, Maria Cristina. **Comunicación y ciudadanía. Problemas teórico-políticos de suarticulación**. Revista Fronteiras – estudos midiáticos. Janeiro/abril, 2006.

MACHADO, Daniela. **A pesquisa exploratória vista sob outros ângulos**. IN: BONIN, Jiani;

MALDONADO, Efendy; ROSARIO, Nisia (Orgs.). **Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa**, João Pessoa, Paraíba: Editora Universitária UFPB, 2008.

MORAES, Denis. **Comunicação virtual e cidadania**. **Revista brasileira de ciências da comunicação**, v. XXIII, n. 2, julho/dezembro, 2000. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/16072-16073-1-PB.pdf>>; Acesso em 8 maio de 2018.

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/>>; Acesso em 27 maio 2018.

NASCIMENTO, Maurício Lavarda; ROSA, Rosane. **Cidadania Comunicativa na era digital: o caso do jornal “voz da comunidade”**. Congresso Nacional de Direito e Contemporaneidade. 30, 31 mai 01 jun/2012, Santa Maria, RS.

OLIVEIRA, Elisângela Magela. **Transformações no mundo do trabalho, da revolução industrial aos nossos dias**. **Revista online Caminhos da geografia**, v.5, n. 11, fevereiro, 2004. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15327>>; Acesso em: 4 maio de 2018.

PERUZZO, Cicilia. **Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que “o gigante acordou”**. **Revista Matrizes**, v. 7, n.2, 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/matrizes/article/view/69407/71977>>; Acesso em: 4 de maio de 2018.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet, difusão de informação e jornalismo: elementos para discussão**. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; FIRMINO, Fernando.. (Org.). **Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2009, v. ,p. 1-269.

ROCHA, Marisa Perrone Campos. A questão cidadania na sociedade da informação. **Ci. Inf.**, v. 29, n. 1, p. 40-45, jan./abr. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/ci/v29n1/v29n1a4.pdf>>; Acesso em: 17 abril de 2018.

SABOURIN, Eric. Reforma agrária no Brasil: considerações sobre os debates atuais. **Estudos sociedade e agricultura**, v. 2, n. 16, outubro 2008. Disponível em: <<https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/301>>; Acesso em: 7 de maio de 2018.

SAGGIN, LÍVIA. **Educomunicação, mídias digitais e cidadania: Apropriações de oficinas educacionais por jovens da Vila Diehl na produção do blog Semeando Ideias**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, 2016.

SANTANA, Vagner; MELO-SOLARTE, Diego; NERIS, Vânia Paula; MIRANDA, Leonardo; BARANAUSKAS, M. Cecília. **Redes sociais online: Desafios e Possibilidades para o contexto brasileiro**. Laboratório Banco de Dados Universidade Federal de Minas Gerais. 2009. Disponível em: <<http://www.lbd.dcc.ufmg.br/colecoes/semish/2009/013.pdf>>; Acesso em 8 de maio de 2018.

SALAVERRÍA, R.; NEGREDO, S. **Periodismo integrado: convergencia de medios y reorganización de redacciones**. Barcelona: Editorial Sol90 Media, 2008.

SOARES, Murilo César. **Jornalismo e cidadania, em duas abordagens**. Compós, 2008.

SOUSA, Maíra de Cássia Evangelista. **A DINÂMICA DA NOTÍCIA NAS REDES SOCIAIS NA INTERNET: uma categorização das ações participativas dos usuários no Twitter e no Facebook**. Compós, 2014.

VIZER, Eduardo. **Movimentos sociais: novas tecnologias para novas militâncias**. In: FERREIRA, Jairo; VIZER, Eduardo (Orgs.). **Mídia e movimentos sociais, linguagens e coletivos em ação**. São Paulo: Paulus, 2007.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O que significa hoje ser um movimento anti-sistêmico?** In: LEHER, Roberto; SETÚBAL, Mariana (Orgs.). **Pensamento crítico e movimentos sociais, diálogo para uma nova práxis**. São Paulo: Cortez, 2005.

WOTTRICH, Laura Hastenpflug. **Cidadania comunicativa: apontamentos escassos de um campo de batalhas**. IX Conferencia Brasileira de Mídia Cidadã, 2013.

APÊNDICE A – Análise do Site do MST

Período: 12/abril/2018 a 19/abril/2018 (uma semana)

DATA	TEMÁTICA
12/04/2018	5º jornada universitária
12/04/2018	Empresas do “lista suja” relacionadas ao agronegócio
12/04/2018	Bela Gil acampamento Lula Livre
12/04/2018	Ato ecumênico em memória de Frei Henri
12/04/2018	Ato em defesa de Marielle Franco
12/04/2018	Juventude Sem Terra realizada acampamento pedagógico
13/04/2018	Entrevista com Maria Rita Kehl
13/04/2018	Ocupação Sem Terra em Paranapanema, SP
14/04/2018	Ocupação Sem Terra em Valinhos, Campinas, SP
15/04/2018	Feira Nacional da Reforma Agrária
16/04/2018	Seminário estadual do congresso do povo ES
16/04/2018	MST desocupa fazenda em Taubaté
16/04/2018	Acampamento Sem Terra em Maceió
16/04/2018	Feira Cultural da Reforma Agrária Ceará
16/04/2018	Cinzas do Frei Henri entregue à Sem Terras
16/04/2018	João Pedro Stedile em Acampamento Lula Livre
16/04/2018	Ato em apoio à Marielle em Valinhos SP
17/04/2018	Ameaça aos Sem Terra na Bahia
17/04/2018	Ato ecumênico em Memória ao massacre de Eldorado dos Carajás
17/04/2018	Ocupação Sem Terra em Araçatuba SP
17/04/2018	Marcha Via Campesina RS
17/04/2018	Entrevista com Oscar Maroni
17/04/2018	Ato político MST em MG
18/04/2018	Ocupação Sem Terra no Norte de Minas
18/04/2018	Dados de assassinatos no campo
18/04/2018	Movimentos do campo dialogam com governo de Alagoas
18/04/2018	Sem Terras ocupam praça dos três poderes em Alagoas
18/04/2018	Seminário UnB
18/04/2018	Camponeses do MPA e MST denunciam golpe em Portugal
18/04/2018	Jornada Universitária em defesa da Reforma Agrária
18/04/2018	Camponeses e indígenas debatem o uso de sementes crioulas no RS
18/04/2018	Solidariedade à família de Lucinéia Durães

19/04/2018	Ocupação Marielle Vivem em SP
19/04/2018	Fórum Permanente sobre Assuntos Indígenas das Nações Unidas
19/04/2018	Denúncias da Via Campesina

APÊNDICE B – Análise da Página do Facebook do MST

Período: 12/abril/2018 a 19/abril/2018 (uma semana)

DATA	TEMÁTICA	CURTIDAS	COMENTÁRIOS	COMPARTILHAMENTOS
12/04/18	Ato político	31	1	8
12/04/18	Ato político Marielle	45	8	12
12/04/18	Ato político defesa de Lula	74	7	17
12/04/18	Defesa Lula	97	7	12
12/04/18	Filme acampamento Lula Livre	51	0	19
12/04/2018	Trabalho escravo	64	4	37
12/04/2018	Evento Feira Nacional da Reforma Agrária	30	2	0
12/04/2018	Jornada Universitária	53	0	3
12/04/2018	Acampamento Lula Livre	100	12	18
12/04/2018	Lançamento Livro Pedro Guareschi	21	5	3
12/04/2018	Série Massacre Eldorado dos Carajás	55	5	25
12/04/2018	Acampamento pedagógico	37	1	6
12/04/2018	Ato político memória Frei Henri	77	1	16
12/04/2018	Repressão em acampamento	62	18	10
13/04/2018	Série Massacre Eldorado dos Carajás	32	4	23
13/04/2018	Ato em memória de Marielle Franco	84	5	38
13/04/2018	Transmissão ao vivo acampamento Lula Livre	202 (2,1 visualizações)	24	57
13/04/2018	Transmissão ao vivo seminário Internet, Liberdade de expressão e	26	1	7

	democracia			
13/04/2018	Caravana Lula Livre Piauí	111	10	20
13/04/2018	Acampamento Lula Livre	50	1	22
13/04/2018	Ato político memória Frei Henri	37	2	5
13/04/2018	Feira Nacional Reforma Agrária	24	0	5
13/04/2018	Acampamento Lula Livre Ceará	44	3	9
13/04/2018	Ameaça de despejo a comunidade Quilombola	61	4	10
13/04/2018	Ocupação Sem Terra Paraíba	65	4	13
13/04/2018	5º jornada universitária em defesa da Reforma Agrária	203	11	85
13/04/2018	Acampamento Lula Livre no DF	49	6	11
13/04/2018	Acampamento Lula Livre DF	49	5	9
13/04/2018	Ocupação Sem Terra em Parapanema SP	72	5	18
13/04/2018	Divulgação twitter MST	49	1	7
14/04/2018	Série Massacre Eldorado dos Carajás	36	5	24
14/04/2018	Ocupação Sem Terra em Valinhos, SP	462		
14/04/2018	Acampamento Lula Livre	59	1	17
14/04/2018	Ocupação Sem Terra Eunápolis BA	242	21	80
14/04/2018	Postagem em defesa à Marielle e Anderson	203	4	99
14/04/2018	Ocupação em Valinhos SP	133	18	36
14/04/2018	3º Feira Nacional da Reforma	33	2	9

	Agrária			
14/04/2018	Feira Nacional da Reforma Agrária	96	5	14
14/04/2018	Transmissão ao vivo Feira Nacional da Reforma Agrária	151	45	168
14/04/2018	Feira Nacional da Reforma Agrária	57	0	17
14/04/2018	Acampamento Lula Livre DF	66	3	24
14/04/2018	Ato político em defesa de Marielle no DF	178	24	51
14/04/2018	Ato defesa de Marielle no RJ	49	3	5
15/04/2018	Série Massacre Eldorado dos Carajás	95	7	41
15/04/2018	Acampamento Lula Livre DF	99	4	15
15/04/2018	Ato ecumênico Frei Henri	123	7	37
15/04/2018	Acampamento Lula Livre	93	6	22
15/04/2018	Feira Nacional Reforma Agrária	66	2	18
15/04/2018	Feira Nacional da Reforma Agrária	253	15	117
15/04/2018	Acampamento Lula Livre	98	3	29
15/04/2018	Acampamento Lula Livre	105	14	36
15/04/2018	Ocupação Valinhos SP	117	13	35
15/04/2018	Acampamento Lula Livre	78	6	11
15/04/2018	Jornada de Lutas pela Reforma Agrária Alagoas	126	8	26
16/04/2018	Série Massacre Eldorado dos Carajás	38	4	18
16/04/2018	Ação de solidariedade Sem Terra p/ doação de sangue	144	11	30
16/04/2018	Dados de assassinato no	45	4	33

	campo			
16/04/2018	Acampamento Lula Livre DF	82	9	23
16/04/2018	Acampamento Lula Livre DF	34	2	12
16/04/2018	Feira Nacional da Reforma Agrária	1,3mil	43	0
16/04/2018	Pauta do massacre de Eldorado dos Carajás em Plenário na Bahia	76	1	22
16/04/2018	Jornada de Lutas pela Reforma Agrária	72	3	9
16/04/2018	Ato no Ceará contra a privatização da Petrobrás	34	2	6
16/04/2018	Acampamento Lula Livre DF	121	8	21
16/04/2018	Ato ecumênico em memória do Massacre Eldorado dos Carajás	142	5	47
16/04/2018	Programa ALTERNATIVAS	15	0	2
16/04/2018	Acampamento Lula Livre	82	5	20
16/04/2018	Ato político 2 anos de golpe contra a impunidade	30	4	14
16/04/2018	Publicação do twitter, falecimento Paul Singer	675	10	122
17/04/2018	Ocupação Sem Terra Santa Amaro BA	53	4	5
17/04/2018	II Jornada Nacional de Lutas pela Reforma Agrária	72	4	16
17/04/2018	II Jornada Nacional de Lutas pela Reforma Agrária	562	33	200
17/04/2018	Série Massacre Eldorado dos	73	6	52

	Carajás			
17/04/2018	II Jornada Nacional de Lutas pela Reforma Agrária	347	18	111
17/04/2018	II Jornada Nacional de Lutas pela Reforma Agrária	86	6	20
17/04/2018	II Jornada Nacional de Lutas pela Reforma Agrária	99	8	20
17/04/2018	Atos de apoio à Lula	37	5	7
17/04/2018	II Jornada Nacional de Lutas pela Reforma Agrária	40	6	9
17/04/2018	Acampamento Lula Livre DF (transmissão ao vivo)	348	Facebook não coletou.	383
17/04/2018	Acampamento Lula Livre DF (transmissão ao vivo)	165	Facebook não coletou.	148
17/04/2018	Ocupação Sem Terra em Araçatuba SP	972	Facebook não coletou.	334
17/04/2018	Solidariedade à Paul Singer	315	5	77
17/04/2018	Jornada Nacional de Lutas	121	10	26
17/04/2018	Acampamento Lula Livre DF	273	Facebook não coletou.	136
17/04/2018	Jornada Nacional de Lutas pela RA	54	5	3
17/04/2018	Jornada Nacional de Lutas pela RA	268	Facebook não coletou.	102
17/04/2018	Ato em frente a Representante da TV Globo no Sergipe	97	14	24
17/04/2018	Homenagem à Ivone Lara	180	4	51
17/04/2018	Ocupação em araçatuba	312	32	72
18/04/2018	Série massacre dos Eldorado	58	6	20

	Carajás			
18/04/2018	Bloqueio de vias do Levante Popular em Pelotas	252	11	77
18/04/2018	Jornada de lutas pela reforma agrária	56	4	9
18/04/2018	Ato em defesa da democracia	34	3	7
18/04/2018	Ocupação do MST no Norte de Minas	96	26	20
18/04/2018	Ato Lula Livre em João Pessoa	88	10	15
18/04/2018	Ato Sem Terra Pelotas	66	8	8
18/04/2018	Ato Frente Brasil Popular em frente à rede globo	123	15	35
18/04/2018	Jornada Universitária em SC	56	9	12
18/04/2018	Ato em defesa da democracia	32	5	1
18/04/2018	Depoimento dirigente MST	45	7	7
18/04/2018	Clube do livro expressão popular	124	5	26
18/04/2018	Ato Lula Livre	56	10	11
19/04/2018	Série Massacre Eldorado dos Carajás	51	1	38
19/04/2018	Ocupação Araçatuba SP	179	25	56
19/04/2018	Transmissão ao vivo Café com MST	65	4	17
19/04/2018	Acampamento na praça dos Três Poderes em João Pessoa	99	22	23
19/04/2018	Lula Livre em Belém	39	4	5
19/04/2018	Ato em defesa da democracia Lula Livre DF	48	4	5
19/04/2018	Circo da democracia, Fórum de	35	1	4

	Discussão sobre os rumos da democracia e da constituição civil, UFP			
19/04/2018	Feira MST	117	4	38
19/04/2018	Lula Livre Curitiba. Presença de Leonardo Boff	663	Facebook não coletou.	220
19/04/2018	Ato Marielle Franco em São Luis do Maranhão	57	9	13
19/04/2018	Feira Nacional da Reforma Agrária	96	10	30
19/04/2018	Café com MST	221	45	67
19/04/2018	Marielle Franco e Eldorado dos Carajás	98	9	84

APÊNDICE C – Perguntas do questionário online

Imagem 1: Eixo de identificação do questionário com sujeitos interativos.

Questionário: pesquisa sobre sujeitos interativos da página Movimento Sem Terra

Olá! Você foi convidado a responder o questionário abaixo. Ele faz parte da pesquisa de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) da estudante Thaisy Finamor, graduanda do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). O trabalho tem orientação da Prof. Lívia Saggin.

Nosso objetivo é conhecer melhor as pessoas que interagem na página do Facebook do MST. Por favor, responda às questões de maneira sincera e tranquila. Nos comprometemos a manter seus dados em sigilo e a não revelar sua identidade. É importante deixar claro que nossa pesquisa será publicada no âmbito acadêmico, não temos interesse em gerar lucros a partir dela.

Agradecemos muito a sua participação!

Qualquer dúvida, não hesite em nos contatar através dos nossos telefones ou e-mails:

Thaisy Finamor (55) 9 999384807 | thaisyfinamor@hotmail.com

Lívia Saggin (51) 9 9695-71-63 | livasaggin@gmail.com | livasaggin@unipampa.edu.br

*Obrigatório

Fonte: *PrintScreen*do questionário elaborado pela autora, 2018.

Imagem 2: Perguntas questionário eixo de identificação sujeitos participantes.

Nome OU Apelido *

Sua resposta

Idade *

Sua resposta

Cidade/Estado *

Sua resposta

Há quanto tempo, aproximadamente, você curte/acompanha a página do MST no Facebook? *

- Até seis meses
- Um ano
- De um a três anos
- Mais de três anos

PRÓXIMA

Fonte: *PrintScreendo* questionário elaborado pela autora, 2018.

Imagem 3: Perguntas questionário eixo de práticas de cidadania comunicativa.

Questionário: pesquisa sobre sujeitos interativos da página Movimento Sem Terra

*Obrigatório

Práticas de cidadania comunicativa na página do Facebook do MST

Por que você participa das publicações da página do Facebook do Movimento Sem Terra? Explique. *

Sua resposta

Você se sente motivado a comentar as publicações da página? Por quê? *

Sua resposta

Você acredita que é possível dialogar através das interações estabelecidas na página? Explique a sua resposta. *

Sua resposta

Fonte: *PrintScreendo* questionário elaborado pela autora, 2018.

Imagem 4: Perguntas questionário eixo de práticas de cidadania comunicativa

Nesses comentários, você já aprendeu algo novo ou ensinou algo sobre as temáticas abordadas na página? *

Sua resposta

Como você avalia as publicações da página do MST em relação ao que é falado sobre o movimento em outras mídias (grandes jornais e revistas, televisão, portais de notícia na internet, etc.)? *

*

Sua resposta

De 0 a 10, que nota você dá para a página do MST no Facebook sobre as interações estabelecidas (com outras pessoas, com a administração da página, etc.). Justifique sua resposta. *

Sua resposta

De 0 a 10, que nota você dá para as publicações da página do MST no Facebook sobre as temáticas abordadas. Justifique a sua resposta. *

Sua resposta

VOLTAR

ENVIAR

Fonte: *PrintScreen*do questionário elaborado pela autora, 2018.